



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
UNIDADE VARGINHA
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO GERAL

APOSTILA DE LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATUR E CULTURA **PRÓ-TÉCNICO**

Elaborada por: Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo
Keilla Conceição Petrin Grande

AGOSTO / 2017
VARGINHA / MG

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

1 LINGUAGEM, LÍNGUA E VARIEDADE REGIONAL	3
1.1 CONCEITUAÇÃO DE TEXTO	3
1.2 COERÊNCIA.....	4
1.3 COESÃO.....	6
1.4 RELAÇÃO COERÊNCIA, COESÃO E CONJUNÇÕES - RECAPITULANDO COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAIS	9
2 TIPOS TEXTUAIS/DISCURSIVOS.....	18
2.1 Tipo Narrativo	18
2.2 Tipo Descritivo.....	20
2.3 Tipo Dissertativo.....	23
2.4 Tipo Expositivo	24
3 GÊNEROS TEXTUAIS	26
3.1 Notícia	26
3.2 Editorial	26
3.3 Artigo de opinião	27
3.4 Gêneros mistos.....	28
3.4.1 História em quadrinhos.....	29
3.4.2 Charge ou cartum	30
4 UM POUCO SOBRE PONTUAÇÃO.....	30
4.1 Vírgula	30
4.2 Pontos.....	31
4.3 Dois pontos.....	32
4.4 Aspas	32
4.5 Reticências.....	33
4.6 Parêntesis.....	33
4.7 Travessão.....	33
5 CLASSES GRAMATICAIS.....	35
5.1 Substantivo	35
5.2 Artigo	35
5.3 Adjetivo	35
5.4 Numeral.....	35
5.5 Pronome	36
5.6 Verbo.....	36
5.7 Advérbio	36
5.8 Preposição.....	36
5.9 Conjunção.....	36

5.10 Interjeição.....	36
-----------------------	----

ESTUDOS LITERÁRIOS

1 A LINGUAGEM LITERÁRIA	41
1.1 Denotação e conotação	42
1.2 Polissemia.....	42
1.3 Figuras de Linguagem	47
1.3.1 Comparação e metáfora.....	47
1.3.2 Metonímia.....	48
1.3.3 Hipérbole.....	49
1.3.7 Eufemismo.....	49
1.4 Figuras de Som.....	49
1.4.1 Aliteração.....	49
1.4.2 Assonância.....	49
1.4.3 Onomatopeia.....	49
2 GÊNEROS LITERÁRIOS.....	51
2.1 O poema.....	51
2.2 A narrativa	53
2.2.1 Elementos da narrativa.....	53
2.2.1.1 Narrador.....	53
2.2.1.2 Personagem.....	54
2.2.1.3 Tempo.....	55
2.2.1.4 Espaço	55
2.2.1.5 Enredo.....	55
2.2.2 Os tipos de discurso na narrativa	56
3 INTERTEXTUALIDADE	62
3.1 Formas de Intertextualidade.....	65
3.1.1 Citação.....	65
3.1.2 Alusão.....	66
3.1.3 Epígrafe.....	66
4 METALINGUAGEM	66
BIBLIOGRAFIA.....	69

LÍNGUA PORTUGUESA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

1 LINGUAGEM, LÍNGUA E VARIEDADE REGIONAL

Assalto à brasileira

Assaltante mineiro

"Ô sô, prestenção. Issé um assarto, uai. Levantus braçu e fiketin quié mió prucê. Esse trem na minha mão tá chein di bala... Mió passá logo os trocado que eu num to bão hoje. Vai andano, uai ! Tá esperanuquê, sô?!"

Assaltante baiano

"Ô meu rei... (pausa). Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (outra pausa). Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado Vai passando a grana, bem devagarinho (pausa pra pausa) Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado (pausa maior ainda). Não esquenta, meu irmãozinho (pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada."

Assaltante carioca

"Aí, perdeu, mermão! Seguiiiiiinte, bicho. Isso é um assalto, sacô? Passa a grana e levanta os braço rapá ... Não fica de caô que eu te passo o cerol.... Vai andando e se olhar pra trás vira presunto ..."

Assaltante paulista

"Isto é um assalto! Erga os braços! Pass a logo a grana, meu. Mais rápido, mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pru jogo do Curintias, meu ... Pô, agora se manda, meu, vai... vai..."

Assaltante gaúcho

"O guri, ficas atento... isso é um assalto. Levanta os braços e te aquieta, tchê ! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbariidaade, tchê. Passa as pilas prá cá ! Trilegal! Agora, te mandas, senão o quarenta e quatro fala."

Assaltante de Brasília

"Companheiros, estou aqui no horário nobre da TV para diz er que no final do mês, aumentaremos as seguintes tarifas: energia, água, esgoto, gás, passagem de ônibus, imposto de renda, licenciamento de veículos, seguro obrigatório, gasolina, álcool, IPTU, IPVA, IPI, ICMS, PIS, Cofins."

1.1 CONCEITUAÇÃO DE TEXTO

O texto é uma manifestação linguística produzida por alguém, em alguma situação concreta (contexto), com alguma intenção. Independentemente de sua extensão, o texto deve dar a sensação de completude, do contrário não será um texto.

Além da noção de completude, sete fatores são responsáveis pela textualidade (conjunto de características que fazem de um texto um texto e não um amontoado de frases):

- **Fatores pragmáticos¹** – intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade – dizem respeito aos fatores contextuais que determinam os usos linguísticos nas situações de comunicação e contribuem para a construção do sentido do texto:
 - *intencionalidade*: é a manifestação da intenção, do objetivo do emissor numa determinada situação sociocomunicativa;
 - *aceitabilidade*: é a expectativa que o leitor manifesta de que o texto com que se defronta seja coerente, coeso, útil, relevante;
 - *situacionalidade*: pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. Ela orienta tanto a produção quanto a recepção de textos;

- *informatividade*: diz respeito à taxa de informação do texto. Ela depende da situação, do público, das intenções;
- *intertextualidade*: refere-se ao diálogo entre textos. A produção e compreensão de textos dependem do conhecimento de outros textos.

Exemplificando:

Canção do exílio facilitada

lá?
ah!
sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!

(José Paulo Paes)

Esse texto pode parecer um amontoado de palavras sem sentido se o leitor não perceber as intenções do autor, se não aceitá-lo como um texto coerente. Mas, para isso, ele deve ter em seu repertório a informação de que este texto refere-se a outro (dialoga com outro) do Romantismo brasileiro – *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias – e dirige-se a leitores de um tempo moderno, caracterizado pela pressa, daí seu título.

- **Fator semântico conceitual** – dele depende a coerência do texto;
- **Fator formal** – diz respeito à coesão textual (corresponde à superfície linguística do texto).

Como você viu, um texto vai além de sua superfície linguística e pressupõe um comunicador atento a todas as suas dimensões. Em seguida, vamos tratar com maior profundidade os dois últimos fatores: o semântico conceitual e o formal.

1.2 COERÊNCIA (ou fator semântico conceitual)

A coerência é o resultado de processos cognitivos, relações de sentido, conhecimentos partilhados, condições operantes entre os usuários – emissor e destinatário – e não apenas um traço constitutivo dos textos. **Para ser coerente, um texto deve:** manter o mesmo tema; não ser contraditório; ter um valor de verdade que possa ser percebido e aceito por sua organização; trazer sempre uma informação nova.

A realização da coerência condiciona-se à adequação entre os elementos cognitivos ativados pelas palavras e o universo de referência do texto.

Veja este exemplo: *Os leões subiram as montanhas geladas e puseram-se a perseguir a foca. Os esquimós os chamavam por seus nomes. As feras corriam sobre o gelo, protegendo-se com suas garras para não cair. Quando estavam prestes a alcançá-la, a foca alçou voo.* (In: GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990. p. 39)

Se considerarmos o “mundo normal”, a incoerência do texto decorre da incompatibilidade entre aquilo que ele descreve e os fatos da realidade: os leões não habitam territórios gelados, os esquimós não se utilizam desses animais para caçadas, nem as focas voam. No entanto, inserido num contexto

ficcional fantástico, o mesmo texto teria a coerência própria (o valor de verdade) desse tipo de contexto. Como se trata do “mundo normal”, teria de haver a consonância entre os referentes textual e externo (situacional) em que repousa a coerência.

A coerência também é representada pela organização linear das seqüências e pela ordenação temporal relativa aos fatos descritos. Nas seguintes frases, só a primeira é coerente:

A menina despediu-se da mãe, disse o dia da sua volta, tomou o táxi e partiu.

A menina partiu, despediu-se da mãe, tomou o táxi e disse o dia da sua volta.

ATIVIDADES

01 - Se houver incoerências neste texto, aponte-as:

“João Carlos vivia em uma pequena casa construída no alto de uma colina árida, cuja frente dava para o Leste. Desde o pé da colina se espalhava em todas as direções, até o horizonte, uma planície coberta de areia. Na noite em que completava 30 anos, João, sentado nos degraus da escada à frente de sua casa, olhava o sol poente. E observava como a sua sombra ia diminuindo no caminho coberto de grama. De repente, viu um cavalo que descia para a sua casa. As árvores e a folhagem não lhe permitiam ver distintamente; entretanto observou que o cavalo era manco. Ao olhar mais de perto verificou que o visitante era seu filho Guilherme, que havia 20 anos partira para alistar-se no exército, e, em todo esse tempo, não tinha dado sinal de vida. Guilherme, ao ver o pai, desmontou imediatamente, correu até ele, lançando-se nos seus braços e começando a chorar.

(In Koch, Ingedore & Travaglia, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990).

02 – Este texto, para você, é incoerente? Por quê?

“Com gemas para financiá-lo, nosso herói desafiou valentemente todos os risos desdenhosos que tentaram dissuadi-lo de seu plano. ‘Os olhos enganam’, disse ele, ‘um ovo e não uma mesa tipificam corretamente este planeta inexplorado’. Então as três irmãs fortes e resolutas saíram à procura de provas, abrindo caminho, às vezes através de imensidões tranquilas, mas amiúde através de picos e vales turbulentos. Os dias se tornaram semanas, enquanto os indecisos espalhavam rumores apavorantes a respeito da beira. Finalmente, sem saber de onde, criaturas aladas e bem-vindas apareceram anunciando um sucesso prodigioso. (In: “Effects of comprehension on retention of prose”, *Journal of experimental Psychogy*, apud Kleiman, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1992. p.21).

03 – Leia o texto seguinte e indique o que, à primeira vista, o torna incoerente e, por isso, causa o efeito de humor.

A vaguidão específica

“As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica.”

(Richard Gehman)

— Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.

— Junto com as outras?

— Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer qualquer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.

— Sim senhora. Olha, o homem está aí.

— Aquele de quando choveu?

— Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo. 15

1.3 COESÃO (ou fator formal)

A coesão, efeito da coerência, manifesta-se no plano linguístico e constrói-se por meio de mecanismos gramaticais e lexicais.

- **Mecanismos gramaticais:** o conhecimento da gramática nos auxilia a produzir textos coesos. Entre alguns dos recursos gramaticais que auxiliam a coesão estão os pronomes, conjunções, pontuação, crase, advérbios, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, a colocação das palavras na frase, a pontuação etc.
- **Mecanismos lexicais:** a coesão lexical se dá, entre outros processos, pela reiteração, pela substituição e pela expansão lexical.
- *reiteração:* repetição do mesmo item lexical;
- *substituição:* inclui a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e a hiperonímia e os nomes genéricos (*coisa, negócio, gente, pessoa, lugar*);
- *expansões lexicais:* trazem para o texto novas informações sobre o termo substituído, marcando também o posicionamento ideológico do enunciador, pois as palavras não são neutras, manifestam intenções. Ex.: João Paulo II esteve em Varsóvia. *Na capital da Polônia, o sumo Pontífice* disse que a Igreja continua a favor do celibato clerical. // João Paulo II esteve em Varsóvia. *Na cidade do odioso gueto, o mais recente aliado do capitalismo* disse que a Igreja continua a favor *dessa excrescência* que é o celibato clerical.

O texto abaixo, publicado na primeira página de um jornal de bairro da Zona Sul de São Paulo logo após os resultados do primeiro turno para eleição do prefeito da cidade, em 2000, exemplifica aspectos da coerência e coesão: “Os dois mais votados agora procuram adeptos para somarem votos. Na verdade àqueles que votaram no Alckmin e no Tuma, com certeza, vão votar no Maluf, pois pertencem a uma classe que não querem o comunismo ou, pelo menos, que o prefeito seja conduzido pelos princípios que regem as diretrizes do PT. Até na Rússia por terem sofrido barbaridades, impostas pelo sistema do comunismo, massacrante, autoritário, sem qualquer liberdade, o muro da vergonha foi derrubado, demonstrando a insatisfação de um povo sofredor, mas que mesmo assim até hoje sentem os reflexos do sistema.”

Esse texto não apresenta *coerência* porque não trata de um único assunto nem a informação da introdução foi desenvolvida (portanto não houve progressão semântica), houve, também, uma informação que contraria nosso conhecimento do mundo: o Muro da Vergonha ficava em Berlim (Alemanha) e não na Rússia. No plano linguístico, faltou-lhe *coesão*, pois a crase no *àqueles* não remete a nada e não há correlação entre os termos *pertencem/ querem/ classe; terem sofrido/ sentem/ povo*. No segundo período, *terem sofrido* não tem sujeito explícito, portanto *o muro da vergonha* é o

sujeito dessa oração reduzida e o *mas* e o *mesmo assim* marcam uma relação que não existe. Conclusão: texto(?) mal-estruturado, que jamais deveria ter sido publicado.

ATIVIDADES

01) (PUCCAMP/SP) Identifique a alternativa em que o pensamento é formulado de forma contraditória:

- 1) O compositor Pestana expirou naquela madrugada, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.
- 2) Na falta de alternativas, acabou optando pela que lhe pareceu a mais barata: passar as férias com os pais.
- 3) “Nem vem que não tem”, disse-me o menino ressabiado, pensando que eu fosse algum agente do Juizado.
- 4) Há males que vêm para bem: a gripe que me obrigou ao repouso deu-me a oportunidade de descobrir Cervantes.

02) (FGV-SP) A seguir, temos o primeiro período de um texto. Os demais períodos estão alinhados sem ordem alguma. Organize-os em uma sequência lógica, de forma a completar o sentido do primeiro. Na resposta indique, por meio de números, a ordem lógica em que devem dispor-se os períodos.

Primeiro período

A costarriquenha Eleonora Odio e o americano George E. Hill fazem parte de um grupo especial de pessoas.

1. Mas eles são mais do que viajantes contumazes.
2. Essa equipe é o embrião da BCP Telecomunicações, futura operadora da telefonia celular na região metropolitana de São Paulo. 16
3. Eles são membros de uma equipe formada pela americana BellSouth para dar conta de uma missão no Brasil.
4. O que Hill e Eleonora têm em comum é um perfil de *globe-trotter*.
5. No mundo dos negócios, isso significa ter aptidão para comunicar-se de modo eficiente mundo afora, a ponto de treinar equipes num país estranho, com língua diferente da sua.
6. “São profissionais com capacidade para atravessar a barreira do etnocentrismo e serem aceitos”, diz Roberto Péon, presidente da BPC.

03) Reescreva estes trechos, realizando a coesão seja no nível lexical, seja no gramatical:

a) A deputada parecia nervosa. A deputada havia sido vítima de um assalto.

b) O menino entrou depressa no supermercado. O menino parecia estar fugindo de alguém.

c) A Enterprise partiu da estação espacial com toda a tripulação. A Enterprise faria mais uma viagem intergaláctica.

d) As revendedoras de automóveis estão equipando cada vez mais os automóveis para vender os automóveis mais caro. O cliente vai à revendedora de automóveis com pouco dinheiro e, se tiver de pagar mais caro pelo automóvel, desiste de comprar o automóvel, e as revendedoras de automóveis têm prejuízo. (in: ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.).

e) Todos os anos dezenas de baleias encalham nas praias do mundo e até há pouco nenhum oceanógrafo ou biólogo era capaz de explicar por que as baleias encalham nas praias do mundo. Segundo uma hipótese corrente, as baleias se suicidariam ao pressentir a morte, em razão de uma doença grave ou da própria idade, ou seja, as baleias praticariam uma espécie de eutanásia instintiva. Segunda outra hipótese corrente, as baleias se desorientariam por influência de tempestades magnéticas ou de correntes marinhas.

f) A multimídia é uma tecnologia que combina sons, imagens e textos. No futuro a multimídia apresentará recursos ainda mais sofisticados. Os preços dos equipamentos de multimídia tendem a ficar cada vez menores. Os preços dos equipamentos de multimídia continuarão inacessíveis para a maioria da população brasileira. O poder aquisitivo da maioria da população brasileira é baixo.

g) A jubarte é uma baleia que mede até 15 metros de comprimento. Ela chega a pesar 45 toneladas. Ela está ameaçada de extinção. Ela passou a ser vista no arquipélago de Abrolhos. O arquipélago de Abrolhos fica ao sul do litoral da Bahia.

04) Corrija os defeitos de coesão que aparecem nestas frases:

a) Conheci Maria Elvira, onde me amarrei.

b) Ele sempre foi bom, porém honesto.

c) Os alunos não entenderam todos os assuntos. Assuntos estes que foram aprofundados.

d) Todos querem uma vaga na USP, mesmo sabendo que a USP faz exames de seleção rigorosos.

e) Eles fugiam da polícia. A polícia foi mais rápida e prendeu eles.

f) Há um grande número de pessoas que não entendem e não se interessam por política.

g) Lembrou-se que havia um bilhete. Bilhete este que desaparecera entre os velhos papéis da escrivania.

05) Os pronomes demonstrativos são alguns dos elementos que promovem coesão num texto. **Preencha** os espaços com aquele adequado ao contexto:

Crianças escravizadas

Explorar o trabalho de uma criança é sempre muito ruim. Mesmo assim, existem trabalhos infantis que são considerados piores.

É o caso de crianças que são usadas como escravas junto com suas famílias.

Os donos de fazendas e empresas que fazem _____ cobram a comida e o aluguel dos trabalhadores. Mas o dinheiro cobrado pela alimentação e moradia é sempre maior do que o salário que _____ fazendeiros pagam para _____ pessoas. _____ condições, os trabalhadores ficam sempre devendo. Para piorar, os fazendeiros não deixam ninguém ir embora. Quem tenta fugir e não consegue apanha. Do mesmo modo que os antigos senhores de engenho do Brasil tratavam seus escravos. (FOLHINHA, *Folha de S. Paulo*, 28/2/98). — Que é que você disse a ele?

— Eu disse para ele continuar.

— Ele já começou?

— Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.

— É bom?

— Mais ou menos. O outro parece mais capaz.

— Você trouxe tudo para cima?

— Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.

— Mas traga, traga. Na ocasião, nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.

— Está bem, vou ver como.

(Fernandes, Millôr. *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973)

1.4 RELAÇÃO COERÊNCIA, COESÃO E CONJUNÇÕES - RECAPITULANDO COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAIS

Coerência

Um texto pode ser incoerente em ou para determinada situação se seu autor não consegue inferir um sentido ou uma ideia através da articulação de suas frases e parágrafos e por meio de recursos linguísticos (pontuação, vocabulário, etc.).

A coerência textual é a relação lógica entre as ideias, pois essas devem se complementar, é o resultado da não contradição entre as partes do texto.

A coerência de um texto inclui fatores como o conhecimento que o produtor e o receptor têm do assunto abordado no texto, conhecimento de mundo, o conhecimento que esses têm da língua que usam e intertextualidade.

Pode-se concluir que texto coerente é aquele do qual é possível estabelecer sentido; é entendido como um princípio de interpretabilidade.

Veja o exemplo:

“As crianças estão morrendo de fome por causa da riqueza do país.” “ Adoro sanduíche porque engorda.”

As frases acima são contraditórias, não apresentam informações claras, portanto, são incoerentes.

Coesão

Coesão é a conexão, ligação, harmonia entre os elementos de um texto.

Percebemos tal definição quando lemos um texto e verificamos que as palavras, as frases e os

parágrafos estão entrelaçados, um dando continuidade ao outro.

Os elementos de coesão determinam a transição de ideias entre as frases e os parágrafos.

Observe a coesão presente no texto a seguir:

*“Os sem-terra fizeram um protesto em Brasília contra a política agrária do país, **porque** consideram injusta a atual distribuição de terras. **Porém** o ministro da Agricultura considerou a manifestação um ato de rebeldia, **uma vez que** o projeto de Reforma Agrária pretende assentar milhares de sem-terra.”*

JORDÃO, R., BELLEZI C. Linguagens. São Paulo: Escala Educacional, 2007, p. 566

As palavras destacadas têm o papel de ligar as partes do texto, podemos dizer que elas são responsáveis pela coesão do texto.

Há vários recursos que respondem pela coesão do texto, os principais são:

- **Palavras de transição:** são palavras responsáveis pela coesão do texto, estabelecem a inter-relação entre os enunciados (orações, frases, parágrafos), são preposições, conjunções, alguns advérbios e locuções adverbiais. Ex.: A prática de atividade física é essencial ao nosso cotidiano. **Assim sendo**, quem a pratica possui uma melhor qualidade de vida.

- **Coesão por referência:** existem palavras que têm a função de fazer referência, são elas: Ex.: Marcela obteve uma ótima colocação no concurso. Tal resultado demonstra que **ela** se esforçou bastante para alcançar o objetivo que tanto almejava.

- **Coesão por substituição:** substituição de um nome (pessoa, objeto, lugar etc.), verbos, períodos ou trechos do texto por uma palavra ou expressão que tenha sentido próximo, evitando a repetição no corpo do texto. Ex.: Porto Alegre pode ser substituída por “a capital gaúcha”; Castro Alves pode ser substituído por “O Poeta dos Escravos”; João Paulo II: Sua Santidade; Vênus: A Deusa da Beleza.

Ex.: Castro Alves é autor de uma vastíssima obra literária. Não é por acaso que o **"Poeta dos Escravos"** é considerado o mais importante da geração a qual representou.

Assim, a coesão confere textualidade aos enunciados agrupados em conjuntos.

Conjunções

A palavra “conjunção” provém de “conjunto”. Vejamos a definição do último termo no dicionário Aurélio: Conjunto: adj. 1. Junto simultaneamente. sm. 2 Reunião das partes dum todo.

Já o sufixo -ção tem significado de “resultado de uma ação”. Logo, se associarmos as duas definições temos que: conjunção é a ação de juntar simultaneamente as partes de um todo.

Com essa primeira definição, vejamos essa frase composta por três verbos, ou seja, por três orações:

Ex: Os dias passam, as prestações chegam, a vida continua.

Vamos acrescentar na frase acima as palavras **e** e **mas**: Ex: Os dias passam e as prestações chegam, mas a vida continua.

Notamos o seguinte: retiramos a vírgula e substituímos por palavras, e ao fazê-lo ligamos uma oração à outra, criamos um vínculo, uma união. A palavra e está ligando as orações 1 e 2 e a palavra mas está ligando as orações 2 e 3. Portanto, as palavras e e mas que unem as frases são exemplos de conjunção.

Agora, vejamos esse outro exemplo: Amor e carinho são sentimentos que estão em falta no nosso dia-a-dia. Observamos que as palavras amor, carinho têm a mesma função na frase, a de juntas

exercerem papel de sujeito da oração. O e está ligando essas duas palavras equivalentes, ou seja, de mesma função na oração. A ação de unir simultaneamente as partes (amor, carinho) de um todo (sujeito) foi feita a partir da palavra e, a qual é, portanto, uma conjunção.

Podemos agora definir conjunção de uma segunda maneira, a usada pela maioria dos gramáticos, por ser definição do dicionário:

Conjunção é a palavra invariável que relaciona duas orações ou dois termos que exercem a mesma função sintática.

Conjunção coordenada e subordinada

As conjunções podem ser classificadas em coordenativas e subordinativas, o que dependerá da relação que estabelecem entre as orações.

Vejamos essas duas frases:

Maria caiu e torceu o tornozelo.

Gostaria que você fosse sincera.

No primeiro caso temos duas orações independentes, já que separadamente elas têm sentido completo: Maria caiu e Maria torceu o tornozelo. O período é composto por coordenação, pois as ações são sintaticamente completas em significado.

No segundo caso, uma oração depende sintaticamente da outra. O verbo "gostaria" fica sem sentido se não há complemento, o que causa o questionamento seguinte: "gostaria de quê?". Assim, a oração "que você fosse sincera" é complemento e, portanto, subordinada à primeira oração "Gostaria". A palavra que, então, é a conjunção subordinativa que une as duas orações.

Locução conjuntiva

Há ainda a locução conjuntiva, que acontece quando duas ou mais palavras exercem a função de conjunção. Alguns exemplos são: desde que, assim que, uma vez que, antes que, logo que, ainda que.

Vejamos um exemplo:

Ele irá te ajudar, desde que você faça a sua parte.

Temos duas orações: "Ele irá te ajudar" e "você faça a sua parte", ligadas pela locução conjuntiva desde que.

ATIVIDADES

TEXTO para as questões 01 a 14

Arrumar o homem

(Dom Lucas Moreira Neves Jornal do Brasil, Jan. 1997)

Não boto a mão no fogo pela autenticidade da estória que estou para contar. Não posso, porém, duvidar da veracidade da pessoa de quem a escutei e, por isso, tenho-a como verdadeira. Salva-me, de qualquer modo, o provérbio italiano: "Se não é verdadeira... é muito graciosa!"

Estava, pois, aquele pai carioca, engenheiro de profissão, posto em sossego, admitido que, para um engenheiro, é sossego andar mergulhado em cálculos de estrutura. Ao lado, o filho, de 7 ou 8 anos, não cessava de atormentá-lo com perguntas de todo jaez, tentando conquistar um companheiro de lazer.

A ideia mais luminosa que ocorreu ao pai, depois de dez a quinze convites a ficar quieto e a deixá-lo trabalhar, foi a de pôr nas mãos do moleque um belo quebra-cabeça trazido da última viagem à Europa. "Vá brincando enquanto eu termino esta conta". Sentencia entre dentes, prelibando pelo menos uma hora, hora e meia de trégua. O peralta não levará menos do que isso para armar o mapa do mundo com os cinco continentes, arquipélagos, mares e oceanos, comemora o pai-engenheiro.

Quem foi que disse hora e meia? Dez minutos depois, dez minutos cravados, e o menino já o puxava

triumfante: "Pai, vem ver!" No chão, completinho, sem defeito, o mapa do mundo. Como fez, como não fez? Em menos de uma hora era impossível. O próprio herói deu a chave da proeza: "Pai, você não percebeu que, atrás do mundo, o quebra-cabeça tinha um homem? Era mais fácil. E quando eu arrumei o homem, o mundo ficou arrumado!" "Mas esse garoto é um sábio!", sobressaltei, ouvindo a palavra final. Nunca ouvi verdade tão cristalina: "Basta arrumar o homem (tão desarrumado quase sempre) e o mundo fica arrumado!"

Arrumar o homem é a tarefa das tarefas, se é que se quer arrumar o mundo.

01. Assinale o item cuja afirmativa está de acordo com o primeiro parágrafo do texto:

- (A) embora o autor do texto não confie na veracidade da estória narrada, conta-a por seu valor moral;
- (B) como o autor do texto confia na pessoa que lhe narrou a estória, ele a transfere para o leitor, mesmo sabendo que não é autêntica;
- (C) A despeito de ser bastante graciosa a história narrada, o autor do texto tem certeza de sua inautenticidade ;
- (D) O autor do texto nos narra uma história de cuja autenticidade não está certo, apesar de ter sido contada por pessoa digna de confiança ;
- (E) a estória narrada possui autenticidade, veracidade e , além disso, certa graça.

02. O título dado ao texto:

- (A) representa a tarefa que deveria ser executada pelo menino;
- (B) indica a verdadeira finalidade do jogo de quebra- cabeça;
- (C) mostra a desorganização reinante na família moderna;
- (D) assinala a tarefa básica inicial para a organização do mundo;
- (E) demonstra a sabedoria precoce do menino da estória narrada.

03. Na continuidade de um texto, algumas palavras referem-se a outras anteriormente expressas; assinale o item em que a palavra destacada tem sua referência corretamente indicada:

- (A) Não boto a mão no fogo pela autenticidade da estória **que** estou para contar - refere-se à autenticidade da estória narrada;
- (B) Não posso, porém, duvidar da veracidade da pessoa de quem **a** escutei... - refere-se à veracidade da estória narrada;
- (C) ...e, por **isso** tenho-a como verdadeira. - refere-se a não poder duvidar da veracidade da pessoa que lhe narrou a estória;
- (D) ...tenho-**a** como verdadeira. - refere-se à pessoa que lhe narrou a estória do texto;
- (E) Salva-**me** de qualquer modo, o provérbio italiano. - refere-se à pessoa de cuja veracidade o autor do texto não pode duvidar.

04. O item em que o vocábulo sublinhado está tomado em sentido não figurado é:

- (A) Não boto a mão no fogo pela autenticidade da estória...
- (B) Estava, pois, aquele pai carioca ...
- (C) ...não cessava de atormentá-lo com perguntas...
- (D) O próprio herói deu a chave da proeza.
- (E) Mas esse garoto é um sábio!

05. O item em que o vocábulo destacado tem seu sinônimo corretamente indicado é:

- (A) Salva-me, de qualquer modo, o **provérbio** italiano... - citação;
- (B) ...com perguntas de todo **jaez** .. - tipo;
- (C) ...tentando conquistar um companheiro de **lazer**. - aventuras;
- (D) ...**prelibando** pelo menos uma hora... - desejando;
- (E) o **peralta** não levará menos do que isso... - revolucionário.

06. A frase do menino: "E quando eu arrumei o homem, o mundo ficou arrumado!" mostra que:

- (A) o pai do menino desconhecia a brilhante inteligência do filho;
- (B) o menino tinha uma visão crítica do mundo bastante apurada;
- (C) o menino já havia feito a mesma tarefa antes;
- (D) o autor do texto quer mostrar a sabedoria do menino;
- (E) o menino descobrira um meio mais fácil de completar a tarefa.

07. Mas esse garoto é um sábio...; esta frase do autor do texto é introduzida por uma conjunção adversativa que marca, nesse caso, a oposição entre:

- (A) a idade e a sabedoria;
- (B) a autoridade e a desobediência;
- (C) o trabalho e o lazer;
- (D) a teoria e a prática;
- (E) a ignorância e o conhecimento.

08. O segmento do texto que NÃO apresenta qualquer processo de intensificação vocabular é:

- (A) Arrumar o homem é a tarefa das tarefas...;
- (B) Em menos de uma hora era impossível.;
- (C) Era mais fácil.;
- (D) Nunca ouvi verdade tão cristalina;
- (E) A ideia mais luminosa que ocorreu ao pai...

09. "Você não percebeu que atrás do mundo, o quebra-cabeça tinha um homem?" (...) "se é que se quer arrumar o mundo"; a palavra mundo nesses dois segmentos:

- (A) apresenta significados idênticos;
- (B) representa significados opostos;
- (C) mostra significados abstratos;
- (D) possui alguns traços em comum;
- (E) é exemplo de substantivo próprio.

10. "Mas esse garoto é um sábio!", sobressaltei, ouvindo a palavra final. ; a oração reduzida sublinhada só NÃO pode equivaler semanticamente a:

- (A) ...porquanto ouvia a palavra final;
- (B) ...quando ouvi a palavra final;
- (C) ...após ouvir a palavra final;
- (D) ...enquanto ouvia a palavra final;
- (E) ..depois de ouvir a palavra final.

11. Se é que se quer arrumar o mundo.; a frase final do texto mostra que:

- (A) o autor do texto participa do desejo geral de mudar o mundo;
- (B) só uma parte da população anseia por mudanças;
- (C) o autor do texto faz uma ressalva negativa sobre o desejo das pessoas;
- (D) o filho do engenheiro desconfia das reais intenções das pessoas;
- (E) só o mundo, por si mesmo, pode salvar-se.

12. Ao lado, o filho, de 7 ou 8 anos, não cessava de atormentá-lo...; as vírgulas que envolvem o segmento sublinhado:

- (A) marcam um adjunto adverbial deslocado;
- (B) indicam a presença de uma oração intercalada;
- (C) mostram que há uma quebra da ordem direta da frase;
- (D) estão usadas erradamente porque separam o sujeito do verbo;
- (E) assinalam a presença de um aposto.

Nas questões 13 e 14, numere os períodos de modo a constituírem um texto coeso e coerente e, depois, indique a sequência numérica correta.

13

- () Por isso era desprezado por amplos setores, visto como resquício da era do capitalismo desalmado.
- () Durante décadas, Friedman - que hoje tem 85 anos e há muito aposentou-se da Universidade de Chicago - foi visto como uma espécie de pária brilhante.
- () Mas isso mudou; o impacto de Friedman foi tão grande que ele já se aproxima do status de John Maynard Keynes (1883-1945) como o economista mais importante do século.
- () Foi apenas nos últimos 10 a 15 anos que Milton Friedman começou a ser visto como realmente é: o mais influente economista vivo desde a Segunda Guerra Mundial.
- () Ele exaltava a 'liberdade', louvava os 'livres mercados' e criticava o 'excesso de intervenção governamental.'

- (A) 4, 2, 5, 1, 3
- (B) 1, 2, 5, 3, 4
- (C) 3, 1, 5, 2, 4
- (D) 5, 2, 4, 1, 3
- (E) 2, 5, 4, 3, 1.

14

- () Na verdade, significa aquilo que um liberal americano descreveria (sem estar totalmente correto, porém) como conservadorismo.
- () Nos Estados Unidos, liberalismo significa a atuação de um governo ativista e intervencionista, que expande seu envolvimento e as responsabilidades que assume, estendendo-os à economia e à tomada centralizada de decisões.
- () A guerra global entre estado e mercado contrapõe 'liberalismo' a 'liberalismo'.
- () No resto do mundo, liberalismo significa quase o oposto.
- () Esta última definição contém o sentido tradicional dado ao liberalismo.
- () Esse tipo de liberalismo defende a redução do papel do Estado, a maximização da liberdade individual, da liberdade econômica e do papel do mercado.

(Exame, 1/7/1998)

- (A) 1, 5, 3, 4, 2, 6
- (B) 3, 1, 4, 5, 6, 2
- (C) 2, 4, 5, 3, 6, 1
- (D) 4, 2, 1, 3, 6, 5
- (E) 1, 3, 2, 6, 5, 4

15. Assinale o segmento que apresenta erro de concordância.

- (A) As empresas estrangeiras registram o capital que investe no país como empréstimos feitos pela matriz para poder remeter os juros às matrizes sem pagar imposto de renda. Há muitas propostas para reduzir a evasão fiscal no país. Uma delas é a cobrança de imposto sobre o faturamento das empresas.
- (B) No sistema financeiro, 34% dos débitos reconhecidos com a Receita estão com o pagamento suspenso por causa de liminares. As empresas deixaram de pagar cerca de 12 bilhões de reais em impostos nos últimos cinco anos, dos quais 3,5 bilhões seriam devidos pelos bancos.
- (C) O motivo: a Lei no 8200, de 1991, permitiu a correção monetária das despesas nos balanços, mas não fez o mesmo com as receitas. Boa parte dos dólares aplicados por investidores estrangeiros no país seria de brasileiros. O dinheiro, depositado em paraísos fiscais, retorna ao país sob a forma de investimento em ações e em aplicações de renda fixa, sem identificação do titular da conta, e sai sem pagar imposto algum.
- (D) As empresas acumulam prejuízos de 183 bilhões de reais e querem transformá-los em créditos com o Fisco. Desse total, 23 bilhões são perdas contabilizadas por instituições financeiras. Se esse volume de recursos fosse usado de uma só vez, equivaleria a mais de um ano de arrecadação.
- (E) Das 530 maiores empresas do país, metade não pagou imposto de renda em 1997. O mesmo ocorreu com os bancos. Das 66 maiores instituições financeiras, 42% não recolheram imposto de renda. A Receita tem 115 bilhões de reais a receber em impostos devidos pelas empresas que não foram pagos por causa do que se chamou de "indústria de liminares".

(Exame, 02/06/1999, p.14 e 15, com adaptações)

16. Assinale a opção que preenche, de forma coesa e coerente, as lacunas do texto abaixo. O fenômeno da globalização econômica ocasionou uma série ampla e complexa de mudanças sociais no nível interno e externo da sociedade, afetando, em especial, o poder regulador do Estado. _____ a estonteante rapidez e abrangência _____ tais mudanças ocorrem, é preciso considerar que em qualquer sociedade, em todos os tempos, a mudança existiu como algo inerente ao sistema social.

(Adaptado de texto da Revista do TCU, nº82)

- (A) Não obstante – com que
- (B) Portanto – de que
- (C) De maneira que – a que
- (D) Porquanto – ao que
- (E) Quando – de que

17. Marque a sequência que completa corretamente as lacunas para que o trecho a seguir seja coerente. A visão sistêmica exclui o diálogo, de resto necessário numa sociedade _____ forma de codificação das relações sociais encontrou no dinheiro uma linguagem universal. A validade dessa linguagem não precisa ser questionada, _____ o sistema funciona na base de imperativos automáticos que jamais foram objeto de discussão dos interessados.

(Barbara Freytag, A Teoria Crítica Ontem e Hoje, pág. 61, com adaptações)

- (A) em que – posto que
- (B) onde – em que
- (C) cuja – já que
- (D) na qual – todavia
- (E) já que - porque

18. Leia o texto a seguir e assinale a opção que dá sequência com coerência e coesão. Em nossos dias, a ética ressurgiu e se revigora em muitas áreas da sociedade industrial e pós-industrial. Ela procura novos caminhos para os cidadãos e as organizações, encarando construtivamente as inúmeras modificações que são verificadas no quadro referencial de valores. A dignidade do indivíduo passa a aferir-se pela relação deste com seus semelhantes, muito em especial com as organizações de que participa e com a própria sociedade em que está inserido.

(José de Ávila Aguiar Coimbra – Fronteiras da Ética, São Paulo, Editora SENAC, 2002).

- (A) A sociedade moderna, no entanto, proclamou sua independência em relação a esse pensamento religioso predominante.
- (B) Mesmo hoje, nem sempre são muito claros os limites entre essa moral e a ética, pois vários pensadores partem de conceitos diferentes.
- (C) Não é de estranhar, pois, que tanto a administração pública quanto a iniciativa privada estejam ocupando-se de problemas éticos e suas respectivas soluções.
- (D) A ciência também produz a ignorância na medida em que as especializações caminham para fora dos grandes contextos reais, das realidades e suas respectivas soluções.
- (E) Paradoxalmente, cada avanço dos conhecimentos científicos, unidirecionais produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança.

QUESTÕES DISCURSIVAS

01. Reescreva os trechos fazendo a devida coesão. Utilize artigos, pronomes ou advérbios. Não se esqueça de que a elipse (omissão de um termo) também é um mecanismo de coesão.

a) A gravata do uniforme de Pedro está velha e surrada. A minha gravata está novinha em folha.

b) Ontem fui conhecer o novo apartamento do Tiago. Tiago comprou o apartamento com o dinheiro recebido do jornal.

c) Perto da estação havia um pequeno restaurante. No restaurante costumavam reunir-se os trabalhadores da ferrovia.

d) No quintal, as crianças brincavam. O prédio vizinho estava em construção. Os carros passavam buzinando. As brincadeiras, o barulho da construção e das buzinas tiravam-me a concentração no trabalho que eu estava fazendo.

e) Os convidados chegaram atrasados. Os convidados tinham errado o caminho e custaram a encontrar alguém que orientasse o caminho aos convidados.

f) Os candidatos foram convocados por edital. Os candidatos deverão apresentar-se, munidos de documentos, até o dia 24.

02. Use os pronomes adequados:

a) Um encapuzado atravessou a praça e sumiu ao longe. Que vulto era _____ a vagar, altas horas da noite, pela rua deserta? b) Jorge teria dinheiro, muito dinheiro, carros de luxo e mulheres belíssimas. _____ eram as fantasias que passavam pela mente de Jorge enquanto se dirigia para o primeiro treino na seleção. c) Marcelo será promovido, mas terá de aposentar-se logo a seguir. Foi _____ que me revelou um amigo do diretor. d) Todos pensam que a CPI acabará em pizza, mas não queremos acreditar _____. e) Luís e Paulo trabalham juntos num escritório de advocacia. _____ dedica-se a causas criminais, _____ a questões tributárias. f) Soube que você irá ocupar um alto cargo na empresa e que está de mudança para uma casa mais próxima do seu local de trabalho. Se _____ me chateou, já que somos vizinhos há tantos anos, _____ me deixou muito contente.

03. Restaure a coesão nas sentenças:

a) Um homem caminhava pela rua deserta: esfarrapado, cabisbaixo, faminto, abandonado à própria sorte. _____ parecia não notar a chuva fina que caía e _____ encharcava os ossos. b) Os grevistas paralisaram todas as atividades da fábrica. _____ durou uma semana. c) Vimos o carro do ministro aproximar-se. Alguns minutos depois, _____ estacionava no pátio do Palácio do Governo. d) Imagina-se que existam outros planetas habitados. _____ tem ocupado a mente dos cientistas desde que os OVNIS começaram a ser avistados. e) O presidente americano disse: Quem é favorável ao Eixo do Mal estará contra mim. _____ marcou uma etapa nas relações internacionais.

04. Complete o texto abaixo, com as palavras destacadas, de forma a torná-lo coeso e coerente: além de - quando - embora - mas - se - que - que - como - mesmo que - se - como

A ansiedade costuma surgir _____ se enfrenta uma situação desconhecida. Ela é benéfica _____ prepara a mente para desafios, _____ falar em público. _____, _____ provoca preocupação exagerada, tensão muscular, tremores, insônia, suor demasiado, taquicardia, medo de falar com estranhos ou de ser criticado em situações sociais, pode indicar uma ansiedade generalizada, _____ requer acompanhamento médico, ou até transtornos mais graves, _____ fobia, pânico ou obsessão compulsiva. _____ apenas 20% das vítimas de ansiedade busquem ajuda médica, o problema pode e deve ser tratado. _____ se procure um clínico-geral num primeiro momento, é importante a orientação de um psiquiatra, _____ prescreverá a medicação adequada. A terapia, em geral, é à base de antidepressivos. "Hoje existe uma geração mais moderna desses remédios", explica o psiquiatra Márcio Bernik, de São Paulo, coordenador do Ambulatório de Ansiedade, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. " _____ mais eficazes, não provocam ganho de peso nem oscilação no desejo sexual." Outra vantagem: não apresentam riscos ao paciente caso ele venha a ingerir uma dosagem muito alta.

EXERCÍCIOS



01. Veja a charge acima e diga o que você sabe sobre o assunto tratado na mesma. Para facilitar seu trabalho, escreva pequenos períodos (frases) respondendo às perguntas: Sobre o que ela fala? É um problema atual? Como ele afeta sua vida? Há solução para o problema?

02. Faça o mesmo agora com a charge abaixo. Após ver a imagem, responda em forma de texto as perguntas: Sobre o que ela fala? É um problema atual? Você lembra de algum exemplo relacionado ao assunto? Há solução para o problema?



3. Assinale a alternativa que traz consideração ADEQUADA sobre o cartum a seguir.

- a) A situação retratada explica as razões do desemprego no País.
- b) O humor é produzido pela interpretação maliciosa que o patrão dá à pergunta do empregado.
- c) No cartum, tematiza-se a falta de ética de empresários.
- d) A informação contida no último balão é decisiva para que o leitor consiga identificar o papel social dos interlocutores envolvidos: patrão e empregado.



2 TIPOS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

2.1 Tipo narrativo

Tipos de narrador:

- 1) Narrador em 1ª pessoa: é aquele que participa da ação, ou seja, que se inclui na narrativa. Trata-se do *narrador-personagem*.
- 2) Narrador em 3ª pessoa: é aquele que não participa da ação, ou seja, não se inclui na narrativa. Temos então o *narrador-observador*.

Todo o texto narrativo conta um FATO que se passa em determinado TEMPO e LUGAR. A narração só existe na medida em que há ação; esta ação é praticada pelos PERSONAGENS.

Um fato, em geral, acontece por uma determinada CAUSA e desenrola-se envolvendo certas circunstâncias que o caracterizam. É necessário, portanto, mencionar, o MODO como tudo aconteceu detalhadamente, isto é, de que maneira o fato ocorreu. Um acontecimento pode provocar CONSEQUÊNCIAS, as quais devem ser observadas.

Assim, os elementos básicos do texto narrativo são:

- 1) FATO (o que se vai narrar)
- 2) TEMPO (quando o fato ocorreu)
- 3) LUGAR (onde o fato se deu)
- 4) PERSONAGENS (quem participou do ocorrido ou o observou)
- 5) CAUSA (motivo que determinou a ocorrência)
- 6) MODO (como se deu o fato)
- 7) CONSEQUÊNCIAS

ESQUEMA DE NARRAÇÃO

Título

1º parágrafo	Explicar que fato está sendo narrado. Determinar o tempo e lugar.	Introdução
2º parágrafo	Causa do fato e apresentação dos personagens.	Desenvolvimento
3º parágrafo	Modo como tudo aconteceu (detalhamento)	
4º parágrafo	Consequências do fato.	Conclusão

A narração objetiva

Observe agora um exemplo de narração sobre um incêndio, criado com o auxílio do esquema estudado. Lembre-se de que, antes de começar a escrever, é preciso escolher o tipo de narrador. Optamos pelo narrador em 3ª pessoa.

O incêndio

Ocorreu um pequeno incêndio na noite de ontem, em um apartamento de propriedade do sr. Marcos da Fonseca.

No local habitavam o proprietário, sua esposa e seus dois filhos. Todos eles, na hora em que o fogo começou, tinham saído de casa e estavam jantando em um restaurante situado em frente ao edifício. A causa do incêndio foi um curto-circuito ocorrido no precário sistema elétrico do velho apartamento. O fogo desapontou em um dos quartos que, por sorte, ficava na frente do prédio. O porteiro do restaurante, conhecido da família, avistou-o e imediatamente foi chamar o sr. Marcos. Ele, mais que depressa, ligou para o Corpo de Bombeiros.

Embora não tivessem demorado a chegar, os bombeiros não conseguiram impedir que o quarto e a sala ao lado fossem inteiramente destruídos pelas chamas. Não obstante o prejuízo, a família consolou-se com o fato de aquele incidente não ter tomado proporções, atingindo os apartamentos vizinhos.

A narração subjetiva

Nela os fatos são apresentados levando-se em conta as emoções, os sentimentos envolvidos na história. Nota-se claramente a posição sensível e emocional do narrador ao relatar os acontecimentos. O fato não é narrado de modo frio e impessoal; ao contrário, são ressaltados os efeitos psicológicos que os acontecimentos desencadeiam nos personagens. Observe o exemplo de uma narração subjetiva em 1ª pessoa.

Com a fúria de um vendaval

Em uma certa manhã acordei entediada. Estava em minhas férias escolares do mês de julho. Não pudera viajar. Fui ao portão e avistei, três quarteirões ao longe, a movimentação de uma feira livre.

Não tinha nada a fazer, e isso estava me matando de aborrecimento. Embora soubesse que uma feira livre não

constitui exatamente o melhor divertimento do qual um ser humano pode dispor, fui andando, a passos lentos, em direção àquelas barracas. Não esperava ver nada de original, ou mesmo interessante. Como é triste o tédio! Logo que me aproximei, vi uma senhora alta, extremamente gorda, discutindo com um feirante.

O homem, dono da barraca de tomates, tentava em vão acalmar a nervosa senhora. Não sei por que brigavam, mas sei o que vi: a mulher, imensamente gorda, mais do que gorda (monstruosa), erguia seus enormes braços e, com os punhos cerrados, gritava contra o feirante. Comecei a me assustar, com medo de que ela destruísse a barraca (e talvez o próprio homem) devido à sua fúria incontrollável. Ela ia gritando e se empolgando com sua raiva crescente e ficando cada vez mais vermelha, assim como os tomates, ou até mais.

De repente, no auge de sua ira, avançou contra o homem já atemorizado e, tropeçando em alguns tomates podres que estavam no chão, caiu, tombou, mergulhou, esborrachou-se no asfalto, para o divertimento do pequeno público que, assim como eu, assistiu àquela cena incomum.

2.2 Tipo Descritivo

Esquema de descrição de pessoas

Título		
1ª parágrafo	Primeira impressão ou abordagem de qualquer aspecto de caráter geral.	Introdução
2ª parágrafo	Características físicas: altura, peso, cor da pele, idade, cabelos, traços do rosto (olhos, nariz, boca), voz e vestimenta.	Desenvolvimento
3ª parágrafo	Características psicológicas: personalidade, temperamento, caráter, preferências, inclinações, postura e objetivos.	
4ª parágrafo	Retomada de qualquer outro aspecto de caráter geral.	Conclusão

Exemplo:

Tancredo: o político da esperança

Qualquer pessoa que o visse, quer pessoalmente ou através dos meios de comunicação, era logo levada a sentir que dele emanava uma serenidade e autoconfiança próprias daqueles que vivem com sabedoria e dignidade.

De baixa estatura, magro, calvo, tinha a idade de um pai que cada pessoa gostaria de ter e de quem a nação tanto precisava naquele momento de desamparo. Seus olhos oblíquos e castanhos transmitiam confiança. O nariz levemente arrebicado e os lábios finos, em meio ao rosto arredondado, traçavam o perfil de alguém que sentíamos ter conhecido durante a vida inteira. Sua voz era doce e ao mesmo tempo dura. Falava e vestia-se como o estadista. Era um estadista.

Sua característica mais marcante foi, sem dúvida, a ponderação na análise dos problemas políticos e socioeconômicos. Respeitado em todo mundo pela condição de líder preocupado com o destino das futuras gerações, de conhecedor profundo das questões deste país, colocava sempre o espírito comunitário acima dos interesses individuais. Seu grande sonho foi provavelmente o de pôr toda a sua capacidade a serviço da nação brasileira, tão ameaçada pelas adversidades econômicas e tão abandonada, como sempre, fora, por aqueles que se diziam seus representantes.

Verdadeiro exemplo de homem público, ficará para sempre na memória dos seus contemporâneos e no registro histórico dos grandes vultos nacionais.

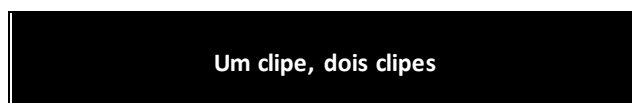
Obs: Note que, embora o esquema utilizado nesta descrição separe os aspectos físicos e psicológicos em parágrafos diferentes, nada impede que você faça algumas poucas referências psicológicas no segundo parágrafo, que trata das características físicas.

Descrição de objetos

Título

1ª parágrafo	Observações de caráter geral referentes à procedência ou localização do objeto descrito.	Introdução
2ª parágrafo	Detalhes:(1ª parte) Formato: comparação com figuras geométricas e com objetos semelhantes. Dimensões: largura, comprimento, altura, diâmetro, etc.	Desenvolvimento
3ª parágrafo	Detalhes:(2ª parte) Material, peso, cor/ brilho e textura.	
4ª parágrafo	Observações de caráter geral referentes à sua utilidade ou qualquer outro comentário que envolva o objeto como um todo.	Conclusão

Exemplo:



Este pequeno objeto que agora descrevemos encontra-se sobre uma mesa de escritório e sua função é a de prender folhas de papel.

Tem o formato semelhante ao de uma torre de igreja. É constituído por um único fio metálico que, dando duas voltas sobre si mesmo, assume a configuração de dois desenhos (um dentro do outro), cada um deles apresentando uma forma específica. Essa forma é composta por duas figuras geométricas: um retângulo cujo lado maior apresenta aproximadamente três centímetros e um lado menor de cerca de um centímetro e meio; um de seus lados menores é, ao mesmo tempo, a base de um triângulo equilátero, o que acaba por torná-lo um objeto ligeiramente pontiagudo.

O material de que é feito confere-lhe um peso insignificante. Por ser niquelado, apresenta um brilho suave. Prendemos as folhas de papel fazendo com que elas se encaixem no meio dele.

Está presente em todos os escritórios ou locais onde seja necessário separar folhas em blocos diferenciados. Embora aparentemente insignificante, dadas as suas reduzidas dimensões, é muito útil na organização de papéis.

Descrição de ambientes e paisagens

Toda vez que nós quisermos descrever um lugar, devemos primeiramente apontar se esse local é fechado ou aberto. Caso seja um local fechado, nós denominaremos ambiente; se entretanto, for um lugar a céu aberto, chamaremos paisagem.

A paisagem por sua vez, pode ser rural (campestre) ou urbana (vista que se tem de uma cidade).

Cumpra, dessa forma, elaborar dois esquemas básicos: o da descrição de ambientes e o da descrição de paisagens.

Esquema de descrição de ambientes.

Título

1ª parágrafo	Comentário de caráter geral.	Introdução
2ª parágrafo	Detalhes referentes à estrutura global do ambiente: paredes (janelas e portas), chão, teto, luminosidade e aroma (se houver).	Desenvolvimento
3ª parágrafo	Detalhes específicos em relação a objetos lá existentes: móveis, eletrodomésticos, quadros, esculturas ou quaisquer outros objetos.	
4ª parágrafo	Observações sobre a atmosfera que paira no ambiente.	Conclusão

O lugar e o tempo

Ao entrar na sala daquele casarão antigo, tem-se, de início, uma desagradável sensação de abandono e de uma certa tristeza.

As paredes, já quase sem cor devido à ação do tempo, as duas janelas fechadas, com suas venezianas carcomidas, situadas na parede oposta à porta, também velha, davam a quem lá chegava a impressão de estar adentrando um museu abandonado. O chão já sem brilho e o teto no qual havia um lustre luxuoso, mas empoeirado e com poucas lâmpadas em funcionamento, confirmavam a impressão inicial. Sentia-se também no ar o odor dos tapetes embolorados.

Da porta, avistavam-se logo à frente alguns móveis em estilo colonial, muito antigos, mas belíssimos – verdadeiras raridades. No centro da sala, uma mesa de cor marrom sobre um tapete persa de rara beleza. Mais perto da porta, uma poltrona revestida por um tecido amarelo florido e, como os outros móveis, empoeirada. Nas paredes, quadros de paisagens e retratos daqueles que um dia habitaram o que deveria ter sido uma casa esplendorosa.

Em toda a sala pairava uma atmosfera de desolação, de decadência, de envelhecimento, que causavam em quem a contemplava uma sensação de nostalgia.

A descrição de paisagens, por sua vez, propicia a elaboração de um outro esquema. Tanto a paisagem urbana quanto a rural podem ser descritas através do esquema que mostraremos agora:

Esquema de descrição de ambientes.

Título		
1ª parágrafo	Comentário sobre sua localização ou qualquer outra referência de caráter geral.	Introdução
2ª parágrafo	Observação do plano de fundo: explicação do que se vê ao longe.	Desenvolvimento
3ª parágrafo	Observação dos elementos mais próximos do observador: explicação detalhada dos elementos que compõe a paisagem, de acordo com determinada ordem.	
4ª parágrafo	Comentários de caráter geral, concluindo acerca da impressão que a paisagem causa em quem a contempla.	Conclusão

Exemplo:

Sítio Alvorada: um recanto especial

Nas proximidades da cidade de Campo Limpo existe um pequeno sítio. Situa-se em um terreno inclinado e arborizado quase que em sua totalidade.

Olhando-se da sala construída bem no centro do sítio, veem-se, até onde a vista alcança, outros pequenos sítios com as mesmas características e, bem ao fundo, algumas colinas cujo verde cintila pela ação dos poderosos raios de sol.

Em sua parte mais baixa, existe um milharal que se estende até a casa de paredes brancas e janelas enormes. Em frente à varanda há um jardim com flores variadas, que exalam perfumes agradáveis e suaves. Já ao lado da casa existe um poço e, subindo um pouco mais, avista-se um pomar repleto de árvores frutíferas, em especial mangueiras, além da horta, onde predominam certos tipos de vegetal. Em sua parte mais alta, não cultivada, há um pequeno gramado, onde as crianças costumam brincar e, de lá de cima, contemplar toda a região.

Estar ali, em meio ao pomar ou ao jardim, respirando aquele ar puro, com o leve aroma dos eucaliptos que circulam a região, traz a qualquer um que frequente o local uma profunda sensação de paz. Lá reinam o silêncio e a harmonia entre o homem e a natureza.

2.3 Tipo Dissertativo

O **Texto Dissertativo-Argumentativo** é um dos tipos de gêneros textuais. Outros tipos são: texto narrativo, texto descritivo, texto expositivo e texto injuntivo.

Este tipo de texto consiste na defesa de uma ideia por meio de argumentos e explicações, à medida que é dissertativo; bem como seu objetivo central reside na formação de opinião do leitor, ou seja, caracteriza-se por tentar convencer ou persuadir o interlocutor da mensagem, sendo nesse sentido argumentativo.

No Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) esse é o tipo de texto solicitado aos alunos, cujo tema ronda questões de ordem social, científica, cultural ou política.

2.3.1 Planejamento

A produção textual requer planejamento. Assim, antes de começar a escrever, convém elaborar um plano daquilo que será abordado e de que forma (estratégia). Essa planificação servirá de ponte para o sucesso do texto, muito embora o mais importante para se alcançar esse resultado seja observar atentamente os fatores de coesão e coerência.

Saiba mais sobre esse tema em:

Para melhor exemplificar, as etapas necessárias para produzir um texto dissertativo-argumentativo são:

- **Problema:** No momento inicial busca-se o problema, ou seja, os fatos sobre o tema pretendido e, ademais a tese (ideia central do texto).
- **Opinião:** A opinião pessoal sobre o tema reforçará a argumentação, por isso é importante buscar uma verdade pessoal ou juízo de valor sobre o assunto abordado.
- **Argumentos:** O mais importante de um texto dissertativo-argumentativo é a organização, clareza e exposição dos argumentos. Para tanto, é importante selecionar exemplos, fatos e provas a fim de assegurar a validade de sua opinião, sem deixar de justificar.
- **Conclusão:** Nesse momento busca-se a solução para o problema exposto. Assim, é interessante apresentar a síntese da discussão, a retomada da tese (ideia principal) e além disso, a proposta de solução do tema com as observações finais.

2.3.2 Estrutura

O texto dissertativo-argumentativo segue o padrão dos modelos de redação, ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão.

2.3.2.1 Introdução

Na introdução devem ser mencionados os temas que são abordados no texto - ou o problema - de modo a situar o interlocutor.

Esta parte deve compreender cerca de 25% da dimensão global do texto.

2.3.2.2 Desenvolvimento

Todas as ideias mencionadas na introdução devem ser desenvolvidas de forma opinativa e argumentativa nessa parte do texto, cuja dimensão deve compreender cerca de 50% do mesmo.

2.3.2.3 Conclusão

A conclusão deve ser uma síntese do problema abordado mas com considerações que expressam o resultado do que foi pensado ao longo do texto.

A sua dimensão contempla cerca de 25% do texto.

Diferença entre Título e Tema

<u>Título</u>	<u>Tema</u>
<ol style="list-style-type: none">1. Referência vaga ao assunto;2. Expressão curta;3. Na maioria das vezes não contém verbo.	<ol style="list-style-type: none">1. Referência a um assunto onde se percebe uma tomada de posição;2. Apresenta começo, meio e fim;3. Por ser uma oração, deve apresentar ao menos um verbo.

Exemplo:

A qualidade de vida na cidade e no campo

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana, porque no campo inexistente a agitação das grandes metrópoles, há maiores possibilidades de se obterem alimentos adequados e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor colocação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o habitante urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre a vida dos moradores da zona rural.

Além disso, nas áreas campestres há maior quantidade de alimentos saudáveis. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatores já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural propicia a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo.

2.4 Tipo Expositivo

O **texto expositivo** é um tipo de texto que visa a apresentação de um conceito ou de uma ideia.

Muito comum esse tipo de texto ser abordado no contexto escolar e acadêmico, uma vez que inclui formas de apresentação, desde seminários, artigos acadêmicos, congressos, conferências, palestras, colóquios, entrevistas, dentre outros.

2.4.1 Recursos Linguísticos

No texto expositivo, o objetivo central do locutor (emissor) é explanar sobre determinado assunto, a partir de recursos como a conceituação, a definição, a descrição, a comparação, a informação e enumeração.

2.4.2 Classificação dos Textos Expositivos

De acordo com seu objetivo central, os textos expositivos são classificados em dois tipos:

2.4.2.1 Texto Expositivo-argumentativo - Nesse caso, além de apresentar o tema, o emissor foca nos argumentos necessários para a explanação de suas ideias.

Dessa forma, recorre aos diversos autores e teorias para comparar, conceituar e defender sua opinião.

2.4.2.2 Texto Expositivo-informativo - Nesta ocasião, o objetivo central do emissor é simplesmente transmitir as informações sobre determinado tema, sem grandes apreciações e, por isso, com o máximo de neutralidade.

Podemos pensar numa apresentação sobre os índices de violência no país, de modo que o conjunto de informações, gráficos e dados sobre o tema, apresentam tão somente informações sobre o problema, sem defesa de opinião.

Exemplos: observe a seguir alguns exemplos de textos expositivos:

Verbetes de dicionário

“Significado de Nostalgia (s.f). Tristeza causada pela saudade de sua terra ou de sua pátria; melancolia. Saudade do passado, de um lugar etc. Disfunções comportamentais causadas pela separação ou isolamento (físico) do país natal, pela ausência da família e pela vontade exacerbada de regressar à pátria. Saudade de alguma coisa, de uma circunstância já passada ou de uma condição que (uma pessoa) deixou de possuir. Condição melancólica causada pelo anseio de ter os sonhos realizados. Condição daquele que é triste sem motivos explícitos. (Etm. do francês: nostalgie)” Fonte: (Dicionário Online de Português- Dicio.com)

Enciclopédia

“Cervo-do-pantanal (nome científico: Blastocerus dichotomus), também chamado suaçuetê, suaçupu, suaçuapara, guaçuçu ou simplesmente cervo, é um mamífero ruminante da família dos cervídeos e único representante do gênero Blastocerus. Ocorria em grande parte das várzeas e margens de rios do centro da América do Sul, desde o sul do rio Amazonas até o norte da Argentina, mas atualmente, a espécie só é comum no Pantanal, na bacia do rio Guaporé, na ilha do Bananal e em Esteros del Iberá.” Fonte: (Wikipédia)

Entrevista

“Clarice Lispector, de onde veio esse Lispector?”

É um nome latino, não é? Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que há gerações e gerações anteriores. Eu suponho que o nome foi rolando, rolando, rolando, perdendo algumas sílabas e foi formando outra coisa que parece “Lis” e “peito”, em latim. É um nome que quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet (eu era completamente desconhecida, é claro) diz assim: “Essa escritora de nome desagradável, certamente um pseudônimo...”. Não era, era meu nome mesmo.

Você chegou a conhecer o Sérgio Milliet pessoalmente?

Nunca. Porque eu publiquei o meu livro e fui embora do Brasil, porque eu me casei com um diplomata brasileiro, de modo que não conheci as pessoas que escreveram sobre mim.

Clarice, seu pai fazia o que profissionalmente?

Representações de firmas, coisas assim. Quando ele, na verdade, dava era para coisas do espírito.

Há alguém na família Lispector que chegou a escrever alguma coisa?

Eu soube ultimamente, para minha enorme surpresa, que minha mãe escrevia. Não publicava, mas escrevia. Eu tenho uma irmã, Elisa Lispector, que escreve romances. E tenho outra irmã, chamada Tânia Kaufman, que escreve livros técnicos.

Você chegou a ler as coisas que sua mãe escreveu?

Não, eu soube há poucos meses. Soube através de uma tia: “Sabe que sua mãe fazia um diário e escrevia poesias?” Eu fiquei boba...

Nas raras entrevistas que você tem concedido surge, quase que necessariamente, a pergunta de como você começou a escrever e quando?

Antes de sete anos eu já fabulava, já inventava histórias, por exemplo, inventei uma história que não acabava nunca. Quando comecei a ler comecei a escrever também. Pequenas histórias.”

(Trecho da última entrevista com a escritora Clarice Lispector, concedida em 1977, ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura).

3 GÊNEROS TEXTUAIS

3.1 NOTÍCIA - como se sabe, cada gênero possui um objetivo ao estabelecer a comunicação entre os interlocutores (pessoas envolvidas na fala ou na escrita), e o referente a esta modalidade é a informação sobre acontecimentos ligados à sociedade em geral. Um detalhe de extrema importância que devemos estar atentos é sobre o tipo de linguagem estabelecida, ou seja, identificarmos se ela é formal ou informal, se há a participação do emissor (a pessoa que escreve ou fala) no sentido de emitir algum tipo de opinião, entre outros aspectos. A notícia, de forma específica, possui uma linguagem clara, precisa e objetiva, uma vez que se trata de uma informação e, por isso, tudo que é relatado precisa estar claro, de modo a fazer com que a mensagem seja transmitida de forma adequada. Que tal conhecermos agora um pouco mais sobre as partes que constituem este gênero? Sendo assim, vejamos:

* A manchete ou título principal – Costuma ser composto de frases pequenas e atrativas, e revela o assunto principal que será retratado em seguida;

* O título auxiliar – Sua função é complementar o título principal, acrescentando-lhe apenas algumas informações a mais.

* O lide (este termo deriva de uma palavra inglesa – lead) – Nesta parte precisamos encontrar todas as informações necessárias para responder às seguintes perguntas: Onde aconteceu o fato? Com quem? O que aconteceu? Quando? Como? Por quê? Qual foi o assunto?

* Corpo da notícia – Nela, há um detalhamento maior dos fatos, de modo a destacar os detalhes mais importantes, fundamentais à compreensão do interlocutor.

3.2 EDITORIAL - O **texto editorial** é um tipo de texto jornalístico e comumente aparecem no início das colunas. Diferente dos outros textos que compõem um jornal, ou seja, textos de caráter informativo, os editoriais são textos opinativos.

Assim, embora sejam textos de caráter subjetivo, eles podem apresentar certa objetividade uma vez que apresentará os artigos que o leitor irá se deparar. Os jornais apresentam diversos editoriais, ou seja dentro de cada seção (seja Política, Economia, Cultura, Esporte, Turismo, País, Cidade, Classificados, etc) jornalística são apresentados os assuntos que serão abordados.

Note que nos jornais e também nas revistas, podemos encontrar os editoriais intitulados “Carta ao Leitor” ou “Carta do Editor”.

No geral, tratam-se de textos dissertativo-argumentativos os quais apresenta os diversos temas que serão abordados na imprensa. De tal maneira, são textos organizados pelos editorialistas que expressam as opiniões da equipe e, por isso, não recebem a assinatura do autor. Ou seja, no geral eles apresentam a opinião do meio de comunicação (revista, jornal, rádio, etc.).

Características

As principais características dos editoriais jornalísticos são:

- Caráter objetivo e subjetivo
- Linguagem simples e clara
- Textos dissertativos-argumentativos
- Temas da atualidade
- Textos relativamente curtos

Exemplo :

Texto editorial da Revista Feminina - Neste mês de natal, celebramos o nascimento do menino Jesus. Nada melhor que reunir a família e curtir esse momento tão especial de encontro, amor, compreensão e tolerância. Por conta disso, a Revista Feminina nesse mês apresenta um artigo sobre a “Origem e História do Natal”, além de oferecer dicas de presentes natalinos para toda a família.

Ademais, você não deve perder as novidades sobre a moda nesse verão e ainda, ficar alerta no artigo sobre os “Melhores Concelhos para Economizar”. Para além disso, apresentamos diversas dicas de viagem para esse final de ano em todas as regiões do Brasil e muitas receitas natalinas práticas, rápidas e fáceis de preparar.

Aproveite o final do ano para se divertir com toda a família e amigos e não se esqueça que o espírito de natal deverá ser aproveitado para nos tornar pessoas cada vez melhores. Encha seu coração de tudo que há de melhor: amor, alegria, compreensão, harmonia e tolerância.

Desejamos-lhes boa leitura e um feliz natal!

Equipe Revista Feminina

3.3 ARTIGO DE OPINIÃO - é um tipo de texto dissertativo-argumentativo. Nele, o autor tem a finalidade de apresentar determinado tema e seu ponto de vista, e por isso, recebe esse nome.

Possui as características de um texto jornalístico e tem como principal objetivo informar e persuadir o leitor sobre um assunto. Note que esse tipo de texto é muito pedido nos vestibulares e concursos públicos.

A Argumentação é o principal recurso retórico utilizado nos artigos de opinião, que surgem sobretudo, nos textos disseminados pelos meios de comunicação, sejam na televisão, rádio, jornais ou revistas. Por esse motivo, esse tipo de texto geralmente aborda temas da atualidade.

Principais Características

As principais características dos artigos de opinião são:

- Uso da argumentação e persuasão
- Textos em primeira e terceira pessoa
- Textos assinados pelo autor
- Textos veiculados nos meios de comunicação

- Linguagem simples, objetiva e subjetiva
- Temas da atualidade
- Títulos polêmicos e provocativos
- Verbos no presente e no imperativo

Exemplos de Artigos de Opinião

Para entender melhor esse tipo de texto argumentativo, seguem alguns exemplos de artigos de opinião:

Trecho de um artigo de opinião sobre "Educação" :

A educação no Brasil tem sido discutida cada vez mais, uma vez que ela é o principal aspecto de desenvolvimento de uma nação.

Enquanto nosso governo investe na expansão econômica e financeira do país, a educação regride, apresentando muitos problemas estruturais. Principalmente nas pequenas cidades, o investimento para a educação é mal aplicado e, muitas vezes, as verbas são desviadas.

Por esse motivo, o nosso país está longe de ser um país desenvolvido até que descaso com a educação persista.

Acima de tudo, os governantes do nosso país precisam ter a consciência de que enquanto a educação estiver à margem, problemas como violência e pobreza persistirão. O lema da nossa bandeira será sempre uma ironia.

“Ordem e progresso” ou “Desordem e Regresso”? Nosso grande educador Paulo Freire já dizia: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

3.4 GÊNEROS MISTOS



Há alguns gêneros textuais que são considerados mistos, por mesclarem em seu conteúdo imagens e palavras. O texto em quadrinhos tem algumas características específicas do gênero. Os “balões” que indicam a fala ou pensamento, a forma de se escrever, a riqueza de interjeições, onomatopeias, utilização de letras maiúsculas para indicar aumento no tom de voz, repetição de vogais indicando prolongamento do som emitido pelo personagem, etc. Além de tudo isto, a imagem dos personagens aparecem com expressões faciais e corporais, que completam a sua fala expressa pela escrita. É, talvez, o gênero de escrita que mais emprega representações dos componentes da

linguagem oral, isto é, representa imagens dos movimentos do corpo de quem fala durante a emissão da mensagem.

3.4.1 HISTÓRIA EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos são histórias escritas que se assemelham ao cinema porque os diálogos são oralizados a partir de um roteiro. Essas histórias que podem ser definidas como histórias em linguagem escrita com características da linguagem oral, possuem também características específicas como é o caso da representação escrita do pensamento do personagem: no cinema isto é possível através do som da voz do personagem, relatando as suas impressões enquanto ele se apresenta absorto, ou com a alternância de imagens atuais com imagens que representam fatos passados ou da imaginação de uma situação futura.

Esse gênero de literatura deveria sair dos domínios comerciais para ocupar lugar de destaque como instrumento de leitura, utilizado para fins didáticos nas séries iniciais ou até mesmo nas intermediárias. Poder-se-ia utilizar conteúdos diferentes dos caricatos que comumente se vê, priorizando assuntos mais enriquecedores, como a reprodução de fábulas, contos, crônicas e outros textos que possam levar os jovens a se habituarem à leitura e a repensarem o mundo que os cerca. Obviamente, o investimento nessa área iria de encontro aos interesses de quem atualmente explora o mercado das revistas em quadrinhos com os personagens já consagrados pelo público, mas, sem dúvida, poderia ser uma alternativa valiosa para se criar o hábito de leitura nos jovens.

3.4.2 CHARGE OU CARTUM - Charge e Cartum podem ser conjuntamente consideradas como “piadas gráficas”, muitas vezes são mal empregados na imprensa que tende a confundir os termos como sinônimos. Eles não são sinônimos, estes termos servem justamente para definir os tipos de cada piada gráfica. O Cartum é uma piada gráfica para *temas universais*, que não precisa se prender a uma época ou lugar, sendo mais facilmente compreendido por pessoas de diferentes épocas e lugares. A charge é normalmente um produto jornalístico, referindo-se a um acontecimento real, atrelada a uma notícia e publicada na mesa época desta. Para que se possa entender uma charge antiga é necessário saber o que estava se passando naquele momento histórico, quais os personagens importantes da época e etc. A Charge pode ser entendida como todo Cartum que se torna incompreensível sem o conhecimento prévio do contexto de sua publicação original.

	DESCRIÇÃO	NARRAÇÃO	DISSERTAÇÃO
QUADRO-RESUMO			
MODALIDADES			
Características	Situa seres e objetos no espaço (fotografia).	Situa seres e objetos no espaço (história).	Discute um assunto, apresentando pontos de vista e “juízos de valor”.
Introdução	A perspectiva do observador focaliza o ser ou objeto, distingue seus aspectos gerais e os interpreta.	Apresenta as personagens, localizando-as no tempo e no espaço.	Apresenta a síntese do ponto de vista a ser discutido (tese).

Desenvolvimento	Capta os elementos numa ordem coerente com a disposição em que eles se encontram no espaço, caracterizando-os objetivamente e subjetivamente, física e psicologicamente.	Através das ações das personagens, constrói-se a trama e o suspense, que culminam no clímax.	Amplia e explica o parágrafo introdutório. Expõe argumentos que evidenciam posição crítica, analítica, reflexiva, interpretativa, opinativa sobre o assunto.
Conclusão	Não há procedimento específico. Considera-se concluído o texto quando se completa a caracterização	Existem várias maneiras de concluir uma narração. Esclarecer a trama é uma delas	Retoma sinteticamente as reflexões críticas ou aponta as perspectivas de solução para o que foi discutido.
Recursos	Uso dos cinco sentidos, que, combinados, produzem a sinestesia. Adjetivação farta, verbos de estado, comparações.	Verbos de ação, geralmente no tempo passado; narrador personagem, observador ou onisciente; discurso direto, indireto e indireto livre.	Linguagem referencial, objetiva; evidências, exemplos, justificativas e dados.
O que se pede	Sensibilidade para combinar e transmitir sensações físicas – cores, formas, sons, gostos, odores – e psicológicas – impressões subjetivas, comportamentos. Pode ser redigida em um único parágrafo.	Imaginação para compor uma história que entretenha o leitor, provocando expectativa e tensão. Pode ser romântica, dramática, humorística...	Capacidade de organizar ideias (coesão), conteúdo para discussão (cultura geral), linguagem clara, objetiva, vocabulário adequado e diversificado.

4 UM POUCO SOBRE PONTUAÇÃO

Para que servem os **sinais de pontuação**? No geral, para representar pausas na fala, nos casos do ponto, vírgula e ponto e vírgula; ou entonações, nos casos do ponto de exclamação e de interrogação, por exemplo. Além de pausa na fala e entonação da voz, os sinais de pontuação reproduzem, na escrita, nossas emoções, intenções e anseios.

Vejamos aqui alguns empregos:

4.1 Vírgula (,)

É usada para:

a) separar termos que possuem mesma função sintática na oração: O menino berrou, chorou, esperneou e, enfim, dormiu.

Nessa oração, a vírgula separa os verbos.

b) isolar o vocativo: Então, minha cara, não há mais o que se dizer!

c) isolar o aposto: O João, ex-integrante da comissão, veio assistir à reunião.

d) isolar termos antecipados, como complemento ou adjunto:

1. Uma vontade indescritível de beber água, eu senti quando olhei para aquele copo suado! (antecipação de complemento verbal)

2. Nada se fez, naquele momento, para que pudéssemos sair! (antecipação de adjunto adverbial)

e) separar expressões explicativas, conjunções e conectivos: isto é, ou seja, por exemplo, além disso, pois, porém, mas, no entanto, assim, etc.

f) separar os nomes dos locais de datas: Brasília, 30 de janeiro de 2009.

g) isolar orações adjetivas explicativas: O filme, que você indicou para mim, é muito mais do que esperava.

4.2 Pontos

4.2.1 Ponto-final (.)

É usado ao final de frases para indicar uma pausa total:

a) Não quero dizer nada.

b) Eu amo minha família.

E em abreviaturas: Sr., a. C., Ltda., vv., num., adj., obs.

4.2.2 Ponto de Interrogação (?)

O ponto de interrogação é usado para:

a) Formular perguntas diretas:

Você quer ir conosco ao cinema?

Desejam participar da festa de confraternização?

b) Para indicar surpresa, expressar indignação ou atitude de expectativa diante de uma determinada situação:

O quê? não acredito que você tenha feito isso! (atitude de indignação)

Não esperava que fosse receber tantos elogios! Será que mereço tudo isso? (surpresa)

Qual será a minha colocação no resultado do concurso? Será a mesma que imagino? (expectativa)

4.2.3 Ponto de Exclamação (!)

Esse sinal de pontuação é utilizado nas seguintes circunstâncias:

a) Depois de frases que expressem sentimentos distintos, tais como: entusiasmo, surpresa, súplica, ordem, horror, espanto:

Iremos viajar! (entusiasmo)

Foi ele o vencedor! (surpresa)

Por favor, não me deixe aqui! (súplica)

Que horror! Não esperava tal atitude. (espanto)

Seja rápido! (ordem)

b) Depois de vocativos e algumas interjeições:

Ui! que susto você me deu. (interjeição)

Foi você mesmo, garoto! (vocativo)

c) Nas frases que exprimem desejo:

Oh, Deus, ajude-me!

Observações dignas de nota:

* Quando a intenção comunicativa expressar, ao mesmo tempo, questionamento e admiração, o uso dos pontos de interrogação e exclamação é permitido.

Observe: Que que eu posso fazer agora?!

* Quando se deseja intensificar ainda mais a admiração ou qualquer outro sentimento, não há problema algum em repetir o ponto de exclamação ou interrogação.

Note: Não!!! – gritou a mãe desesperada ao ver o filho em perigo.

4.2.4 Ponto e vírgula (;)

É usado para:

a) separar itens enumerados:

A Matemática se divide em:

- geometria;

- trigonometria;

- álgebra;

- financeira.

b) separar um período que já se encontra dividido por vírgulas: Ele não disse nada, apenas olhou ao longe, sentou por cima da grama; queria ficar sozinho com seu cão.

4.3 Dois-pontos (:)

É usado quando:

a) se vai fazer uma citação ou introduzir uma fala:

Ele respondeu: não, muito obrigado!

b) se quer indicar uma enumeração:

Quero lhe dizer algumas coisas: não converse com pessoas estranhas, não brigue com seus colegas e não responda à professora.

4.4 Aspas (“ ”)

São usadas para indicar:

a) citação de alguém: “A ordem para fechar a prisão de Guantánamo mostra um início firme. Ainda na edição, os 25 anos do MST e o bloqueio de 2 bilhões de dólares do Oportunity no exterior” (Carta Capital on-line, 30/01/09)

b) expressões estrangeiras, neologismos, gírias: Nada pode com a propaganda de “outdoor”.

4.5 Reticências (...)

São usadas para indicar supressão de um trecho, interrupção ou dar ideia de continuidade ao que se estava falando:

- a) (...) Onde está ela, Amor, a nossa casa,
O bem que neste mundo mais invejo?
O brando ninho aonde o nosso beijo
Será mais puro e doce que uma asa? (...)
- b) E então, veio um sentimento de alegria, paz, felicidade...
- c) Eu gostei da nova casa, mas do quintal...

4.6 Parênteses ()

São usados quando se quer explicar melhor algo que foi dito ou para fazer simples indicações. Ele comeu, e almoçou, e dormiu, e depois saiu. (o e aparece repetido e, por isso, há o predomínio de vírgulas).

4.7 Travessão (–)

O travessão é indicado para:

- a) Indicar a mudança de interlocutor em um diálogo:
 - Quais ideias você tem para revelar?
 - Não sei se serão bem-vindas.
 - Não importa, o fato é que assim você estará contribuindo para a elaboração deste projeto.
- b) Separar orações intercaladas, desempenhando as funções da vírgula e dos parênteses:
Precisamos acreditar sempre – disse o aluno confiante – que tudo irá dar certo.
Não aja dessa forma – falou a mãe irritada – pois pode ser arriscado.
- c) Colocar em evidência uma frase, expressão ou palavra:
O prêmio foi destinado ao melhor aluno da classe – uma pessoa bastante esforçada.
Gostaria de parabenizar a pessoa que está discursando – meu melhor amigo.

EXERCÍCIOS

PONTUAÇÃO: O Mistério da Herança

Um homem rico estava muito mal, agonizando. Dono de uma grande fortuna, não teve tempo de fazer o seu testamento. Lembrou, nos momentos finais, que precisava fazer isso. Pediu, então, papel e caneta. Só que, com a ansiedade em que estava para deixar tudo resolvido, acabou complicando ainda mais a situação, pois deixou um testamento sem nenhuma pontuação.

Escreveu assim:

“DEIXO MEUS BENS A MINHA IRMÃ NÃO A MEU SOBRINHO JAMAIS SERÁ PAGAA CONTA DO PADEIRO NADA DOU AOS POBRES”

Morreu, antes de fazer a pontuação.

A quem deixava ele a fortuna? Eram quatro concorrentes: o sobrinho, a irmã, o padeiro e os pobres. Quem ficou com a herança?

Reescreva a frase, utilizando a pontuação adequada, de forma a garantir que a pessoa indicada fique com a herança.

1) O SOBRINHO

2) A IRMÃ

3) O PADEIRO

4) POBRES

Efeitos de sentido da vírgula

1. Vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

2. Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

3. Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

4. Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

5. E vilões.

Esse, juiz, é corrupto.

Esse juiz é corrupto.

6. Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

7. A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.”

Texto da Internet - Autor Desconhecido

5 CLASSES GRAMATICAIS

Na língua portuguesa há dez classes de palavras ou **classes gramaticais**. De maneira geral, a morfologia estuda a origem, as derivações e as flexões das palavras, expressas, na língua portuguesa, por **dez classes morfológicas** ou gramaticais de acordo com a função de cada, das quais seis delas são classificadas como **palavras variáveis** (substantivo, adjetivo, pronome, numeral, artigo e verbo), uma vez que podem variar em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo) e as **palavras invariáveis** (preposição, conjunção, interjeição e advérbio):

1-SUBSTANTIVO	6 - VERBO
2- ARTIGO	7 - ADVÉRBIO
3 - ADJETIVO	8 - PREPOSIÇÃO
4 - NUMERAL	9 - CONJUNÇÃO
5 - PRONOME	10 -INTERJEIÇÃO

5.1 SUBSTANTIVO é toda a palavra que denomina um ser; é usada para nomear pessoas, coisas, animais, lugares e sentimentos. Normalmente vem precedida de artigo.

Exemplo: O *cachorro* tomou banho. (*Cachorro* é um substantivo)

Os substantivos classificam-se em:

- Comum/ Próprio
- Concreto/ Abstrato
- Primitivo/ Derivado
- Simples/ Composto
- Coletivo

5.2 ARTIGO é a palavra que se coloca antes do substantivo para determiná-lo ou indeterminá-lo. Os artigos classificam-se em:

Definidos: o / a / os / as

Indefinidos: um / uns / uma / umas

5.3 ADJETIVO é a palavra que caracteriza o substantivo.

Exemplo: Aquela moça é muito *bonita*. (*Bonita* é um adjetivo)

5.4 NUMERAL é uma palavra que exprime número, ordem numérica, múltiplo ou fração.

5.5 PRONOME é a palavra que substitui ou acompanha o substantivo.

5.6 VERBO é a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno da natureza.

5.7 ADVÉRBIO é a palavra invariável que modifica o sentido de um verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio. Os principais advérbios indicam circunstâncias de:

- Tempo: ontem, hoje, amanhã, já, cedo, tarde, antigamente...
- Lugar: aqui, ali, acolá, aí, lá, perto, longe, acima, abaixo, dentro, fora...
- Modo: depressa, devagar, bem, mal, calmamente, alegremente...
- Intensidade: muito, menos, pouco, mais, bastante....
- Negação: não, absolutamente...
- Dúvida: talvez, provavelmente, possivelmente...
- Afirmação: sim, certamente, realmente....

5.8 PREPOSIÇÃO é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre eles.

As preposições essenciais são:

A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS

5.9 CONJUNÇÃO é a palavra invariável que liga: duas palavras com o mesmo valor, numa oração ou duas orações entre si.

5.10 INTERJEIÇÃO são palavras invariáveis que expressam uma emoção, um sentimento.

As interjeições mais comuns são:

De alegria: ah! oh! oba!

De aplauso: viva! bis! bravo!

De chamamento: oi!olá! alô!

De dor: ui! ai!

De silêncio: silêncio! psiu!

De surpresa: oh! ah!

De advertência: cuidado! atenção!

De alívio: ufa! arre!

De admiração: ah!oh! puxa! nossa!

De desejo: oxalá, tomara!

De saudação: salve! viva! olá!

De terror: ui! credo! Cruzes!

EXERCÍCIOS

A partir dos textos a seguir, faça o seguinte: indique o tipo textual e aponte uma particularidade predominante; indique também o gênero/domínio discursivo e o assunto de cada um deles.

a) Menina com paralisia cerebral vira modelo de loja

No Reino Unido - Criança de 7 anos participou de campanha para linha infantil. Holly Greenhow usa cadeira de rodas e tem dificuldades na fala.

Uma menina de 7 anos que sofre de um tipo de paralisia cerebral se tornou a nova garota propaganda de uma marca de roupas no Reino Unido.

Holly Greenhow enfrenta dificuldades em quase todas as suas atividades diárias, desde falar até sentar, mas isso não a impediu de ser escolhida pela marca, segundo o jornal britânico "Daily Mail".

Holly é de Cambridgeshire. Sua paralisia cerebral foi causada por uma prolongada falta de oxigênio durante seu nascimento.

A menina foi escolhida para fazer a propaganda da linha infantil da marca Boden após ter participado de um teste este ano. Na ocasião, ela se saiu muito bem em frente às câmeras.

Após ser escolhida, ela passou um dia em Londres fotografando com as roupas da marca, e agora pode ser vista em uma campanha publicitária na internet.

"Holly tem um lindo sorriso, e ser modelo não significa apenas ser perfeito, então pensamos: 'por que ela não pode ser considerada?'" , diz a mãe da menina, Fiona, de 42 anos.

"Há várias coisas que ela não pode e nunca poderá fazer, então foi muito bom para ela ter esta experiência. Esperamos que isso ajude a melhorar a imagem das crianças com deficiência e também abra os olhos das pessoas para o fato de que há muitas crianças que não são perfeitas."

Ela usa uma cadeira de rodas para se locomover e recentemente começou a se comunicar utilizando um sistema computadorizado operado por seus olhos – similar ao utilizado pelo físico Stephen Hawking.

Mesmo com as limitações, a menina sempre gostou de escolher suas próprias roupas. A família espera que ela tenha mais oportunidades semelhantes e participe de outras campanhas.

(07/11/2013 16h26 - Atualizado em 07/11/2013 18h20)

b) A luta e a lição

Um brasileiro de 38 anos, Vítor Negrete, morreu no Tibete após escalar pela segunda vez o ponto culminante do planeta, o monte Everest. Da primeira, usou o reforço de um cilindro de oxigênio para suportar a altura. Na segunda (e última), dispensou o cilindro, devido ao seu estado geral, que era considerado ótimo

As façanhas dele me emocionaram, a bem sucedida e a malograda. Aqui do meu canto, temendo e tremendo toda a vez que viajo no bondinho do Pão de Açúcar, fico meditando sobre os motivos que levam alguns heróis a se superarem. Vítor já havia vencido o cume mais alto do mundo. Quis provar mais, fazendo a escalada sem a ajuda do oxigênio suplementar. O que leva um ser humano bem sucedido a vencer desafios assim?

Ora, dirão os entendidos, é assim que caminha a humanidade. Se cada um repetisse meu exemplo, ficando solidamente instalado no chão, sem tentar a aventura, ainda estaríamos nas cavernas, lascando o fogo com pedras, comendo animais crus e puxando nossas mulheres pelos cabelos, como os trogloditas --se é que os trogloditas faziam isso. Somos o que somos hoje devido a heróis que trocam a vida pelo risco. Bem verdade que escalar montanhas, em si, não traz nada de prático ao resto da humanidade que prefere ficar na cômoda planície da segurança.

Mas o que há de louvável (e lamentável) na aventura de Vítor Negrete é a aspiração de ir mais longe, de superar marcas, de ir mais alto, desafiando os riscos. Não sei até que ponto ele foi temerário ao recusar o oxigênio suplementar. Mas seu exemplo --e seu sacrifício-- é uma lição de luta, mesmo sendo uma luta perdida.

Fonte: *A luta e a lição*, por Carlos Heitor Cony - *Folha Online*

Acesso em: 27/02/2016

c) Bruxas não existem - Moacyr Scliar

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona que morava numa casinha caído aos pedaços no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de "bruxa".

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando "bruxa, bruxa!".

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina. - Vamos logo - gritava o João Pedro -, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

- Está quebrada - disse por fim. - Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. "Chame uma ambulância", disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

d) **CADA INDIVÍDUO É RESPONSÁVEL POR SUA CONDUTA**

Atribuir à sociedade como um todo a culpa por certos comportamentos errôneos não parece, em minha maneira de pensar, uma atitude sensata. Costumamos ouvir por aí coisas do tipo "O Brasil não tem mais jeito", "O povo brasileiro é corrupto por natureza", "Todas as pessoas são egoístas" e frases afins. Essa é uma visão já cristalizada no pensamento de boa parte de nosso povo.

Entretanto, se há equívocos, se existem erros, se modos ilícitos são verificados, eles sempre terão partido de um indivíduo. Mesmo que depois essas práticas se propaguem, somente serão contaminados por elas aqueles que assim o desejarem. Uma corporação que, por exemplo, está sob investigação criminal em decorrência da ação de alguns de seus componentes, não estará necessariamente corrompida em sua totalidade. Aliás, a meu juízo, isso é quase impossível de acontecer.

É preciso compreender que nem todo mundo se deixa influenciar por ações fraudulentas. De repente o que alguém acha interessante pode ser considerado totalmente inviável por outra

pessoa e não acredito que seja justo um ser humano ser responsabilizado apenas por fazer parte de um grupo “contaminado”, mesmo sem ele, o cidadão, ter exercido qualquer coisa que comprometa a sua idoneidade moral.

Todos sabemos que um indivíduo é constituído suficientemente para pagar por suas falcatruas. Por isso, não concordo que haja julgamento geral. É preciso que saibamos separar o bom do ruim, o honesto do corrupto, o bom caráter do mau-caráter, o dissimulado do verdadeiro. Todos têm consciência do que seja certo ou errado e devem carregar sozinhos o fardo de terem sido desleais, incorretos e vulgares, sem manchar a imagem daqueles que, por vias do destino, constituem certas facções que não apresentam, totalitariamente, uma conduta legal.

(Cassildo Souza)

e) Bolo de Cenoura Caseiro

Ingredientes:

- cenouras médias;
- 3 ovos;
- 3/4 de xícara de óleo vegetal;
- 2 xícaras de farinha;
- 1,5 xícaras de açúcar;
- 15 gramas de fermento;
- + 1 xícara de açúcar para a calda;
- 1 xícara de achocolatado;
- 1/4 de xícara de leite;
- 50g de manteiga.

Vamos cozinhar...

Descasque as cenouras e corte em pedaços.

1. Junte a cenoura, os ovos e o óleo em um liquidificador e bata.
2. Peneire a farinha e o açúcar em uma tigela.
3. Adicione o fermento na tigela e misture.
4. Junte a cenoura batida com os secos e misture bem.
5. Coloque em uma forma untada e asse durante 45 minutos a 180 graus.
7. Misture o açúcar, o achocolatado, o leite e a manteiga em uma panela em fogo baixo e, quando ferver, mexa por um minuto e desligue o fogo.
8. Jogue a calda por cima do bolo e seja feliz!

f) Protestos no Brasil e a Crise Econômica

Desde o ano passado nos deparamos com as diversas manifestações que se espalham pelas capitais e cidades do país. Todas elas demonstram a insatisfação dos brasileiros com a política, economia e os problemas sociais no geral. O que mais ouvimos no café, no supermercado, nas paragens de ônibus ou mesmo no trânsito são frases do tipo: “Aonde vamos parar”, “Isso é culpa do PT”, “Estamos afundando” “O preço das coisas aumentam e nosso salário nunca”.

Essas frases proferidas pelos mais diversos tipos de brasileiros nos indicam que a insatisfação e a crise econômica cresce cada vez mais no país e os que tem possibilidades (mínima parcela) estão deixando o país para terem vidas melhores longe da nação verde e amarelo. Mas será que essa é a solução? Vale ressaltar que muitos dos que deixam o país tem conhecimentos superficiais sobre a política e a economia e, na maioria das vezes, são os mais preconceituosos com os nortistas e nordestinos.

Sabemos que a chave para a solução dos problemas instaurados no país de ordem social, política e econômica tem somente uma alternativa: o investimento em políticas públicas voltadas para o desenvolvimento educativo no país, sobretudo da implementação de disciplinas que abordem as questões sobre diversidade, pluralidade e gênero. Mas isso é somente a ponta do iceberg. Ou seja, a solução não é deixar o país, mas lutar para a melhoria do nosso Brasil, que se deparou com o iceberg e diferente do Titanic, quer mudar o curso. A frase “salve-se quem puder” deve ser mudada para “salvemos o nosso país todos juntos”.

Equipe Folhetim de Minas

g) "**Racismo**"

Ainda que grande parte da população brasileira seja descendente de negros, o problema do racismo está longe de ser resolvido.

No período colonial, Portugal trazia os negros da África para trabalharem no país em condição de escravos. Desde então, o racismo esteve inculcado na mente de muitos brasileiros.

Embora a Lei Áurea tenha libertado os negros do trabalho escravo em 1888, a população negra apresenta os maiores problemas ainda hoje no país. Por exemplo, as condições de vida, o trabalho, a moradia, dentre outros.

Se observarmos as favelas do país ou mesmo as penitenciárias, o número de negros é sem dúvida maior. A grande questão é: até quando o racismo persistirá no nosso país?; pois mesmo séculos depois, ainda é possível nos depararmos com um racismo velado no Brasil.

A implementação de políticas públicas poderá resolver nosso problema, mas ainda temos muitos caminhos a percorrer. Infelizmente, creio que não estarei vivo para contemplar essa conquista.

(Autores do blog <https://www.todamateria.com.br/artigo-de-opiniao/> Acesso em 24 Abr. 2017.)

ESTUDOS LITERÁRIOS

1. A LINGUAGEM LITERÁRIA

O QUE É LITERATURA?

Um caso de poesia...

Paulo tinha fama de mentiroso.

Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões da independência cuspidor de fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto a queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico.

Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

– Nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

Carlos Drummond de Andrade

Embora a palavra “Literatura” nos seja bastante familiar, quando precisamos dar uma definição a ela, nem sempre conseguimos fazê-lo com clareza ou não conseguimos definir e reconhecer o que torna um texto literário. Algumas vezes, chegamos até a generalizar as produções escritas como literatura. No entanto, é importante saber que os textos literários possuem suas particularidades e a forma como eles são elaborados marcam sua diferença em relação a outros gêneros textuais.

Em primeiro lugar, é importante saber que a **Literatura é uma arte** e, como toda arte, ela possui sua matéria-prima, ou seja, o elemento com o qual ela trabalha para compor uma obra. Assim, esse elemento primordial da literatura é a *palavra*, no entanto a Literatura não deixa de fazer uso de outros tipos de recursos.

Isso significa dizer que o texto literário trabalhará de forma diferenciada com a linguagem, estabelecendo novos sentidos para as palavras e, por meio delas, criando mundos ficcionais. É o que nos mostra o texto acima, de Drummond, através da personagem Paulo. O menino, de forma inventiva, transforma os elementos da realidade: assim, os “dragões da independência”, que originalmente é um regimento de cavalaria do exército, desloca-se para o ser fabuloso cuspidor de fogo, os quais, inusitadamente, estão lendo fotonovelas. Tão inusitado quanto um pedaço de lua cair no pátio da escola. Assim, é a partir dessa transformação da realidade, da transgressão ao comum, que a Literatura se situa.

Para compreendermos melhor o mundo literário, iremos estudar alguns conceitos que são fundamentais para entendermos o texto literário: a **denotação**, a **conotação** e a **polissemia**.

1.1 DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Leia os textos abaixo:

Texto I

A orientação realizada através da observação das estrelas tem seu uso difundido entre pessoas do campo, pescadores e navegadores, essas geralmente conhecem as características gerais do céu durante a **noite**.

Texto II

Quando você foi embora fez-se **noite** em meu viver
Forte eu sou, mas não tem jeito
Hoje eu tenho que chorar

Milton Nascimento

Observe que, em ambos os textos, há a palavra **noite**. No entanto, elas não são usadas no mesmo sentido, ganhando uma significação diferente em cada um deles. Podemos dizer que, no Texto I, **noite** está no sentido DENOTATIVO e, no II, no sentido CONOTATIVO.

Então, inferimos que a **denotação** ocorre quando usamos a palavra no seu sentido primitivo, original. Se pesquisarmos no dicionário, encontraremos:

Noite (latim *nox, noctis*) substantivo feminino. 1. Tempo compreendido entre o crepúsculo vespertino e matutino.

Essa definição é compatível com o uso da palavra no Texto I, já que ele fala exatamente de um período de tempo. Já no Texto II, esse sentido não se confirma, pois a voz da canção diz que “fez-se noite em meu viver”, ou seja, a palavra está no sentido figurado e podemos pensar que noite, aqui, remete à ideia de melancolia, solidão, abandono. Quando há essa mudança de significado nas palavras, estamos no campo da **CONOTAÇÃO**.

Outro exemplo:

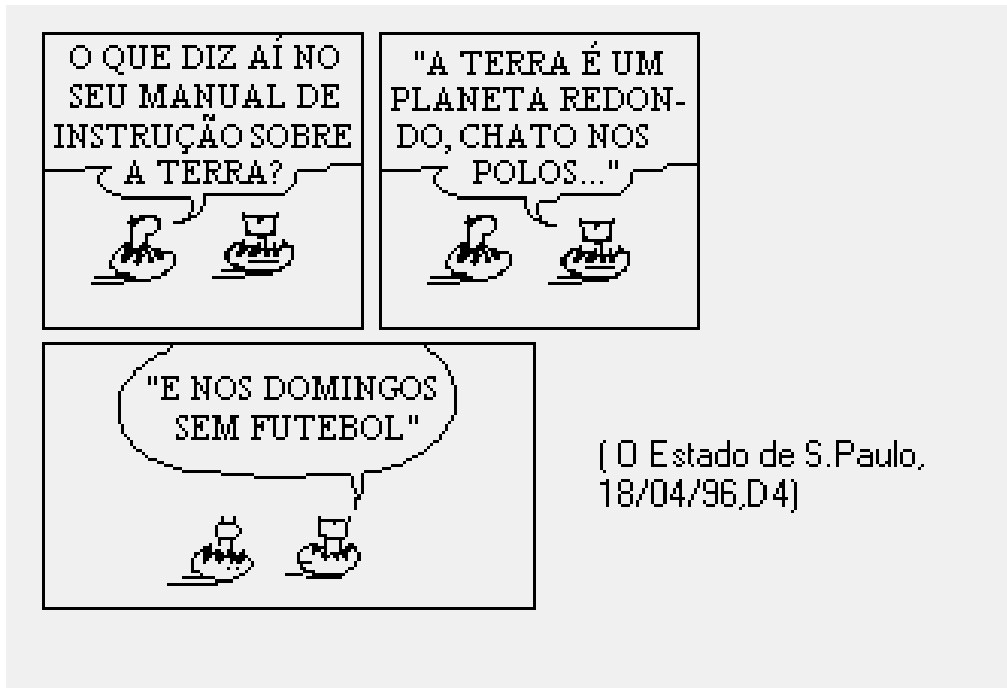


Embora a **conotação** não seja exclusiva da Literatura, os textos literários – poemas, contos, crônicas, romances, etc. – apresentarão, predominantemente, as palavras no sentido conotativo, figurado.

1.2 POLISSEMIA

Outro tipo de recurso que encontramos nos textos literários é a POLISSEMIA, que consiste em a mesma palavra ou locução apresentar mais de um significado no texto.

O quadrinho de Luis Fernando Verissimo ilustra esse fenômeno:



Perceba que a palavra “chato(a)” aparece em dois sentidos: no segundo quadrinho, *chato* se relaciona a uma superfície plana, sem relevo; no terceiro, em que a palavra é retomada por elipse “E [chata] nos domingos sem futebol”, seu significado refere-se a entediante, maçante, sem graça. Assim, como uma mesma palavra adquire mais de um sentido, estamos diante da POLISSEMIA. É o que vemos, também, no poema de Mário Quintana:

POEMINHA DO CONTRA

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

O poeta faz uma brincadeira entre *passarão* – que pode ser entendido como a 3ª pessoa do plural do verbo “passar”, no futuro do presente -, ou o aumentativo de “pássaro”, marcando contraposição a “passarinho”, com o qual o eu lírico se identifica.

ATIVIDADES

01. Coloque **D** se a palavra sublinhada estiver no sentido **denotativo** ou **C** se estiver no sentido **conotativo**.

___ “Amor é fogo que arde sem se ver” (Camões)

___ “Um trem-de-ferro é uma coisa mecânica...” (Adélia Prado)

___ “Um fogo queimou dentro de mim” (Boca Livre)

___ O time explodiu de alegria ao ganhar a partida.

___ A bomba explodiu matando várias pessoas.

02.No quadrinho abaixo, há exploração da polissemia. **Identifique** em qual palavra esse recurso está sendo utilizado e **explique** seus sentidos na tirinha.



Texto para as questões 03 e 04

Poema do nadador

*A água é falsa, a água é boa.
Nada, nadador!
A água é mansa, a água é doída,
Aqui é fria, ali é morna,
A água é fêmea.
Nada, nadador!
A água sobe, a água desce,
A água é mansa, a água é doída.
Nada, nadador!
A água te lambe, a água te abraça
A água te leva, a água te mata.
Nada, nadador!
Senão, que restará de ti, nadador?
Nada, nadador.*

Jorge de Lima

03. A leitura do poema nos permite todas as interpretações abaixo, EXCETO:

- a) A luta não é vã: o homem deve continuar lutando, insistindo.
- b) Nadar, na verdade, é o próprio nada e reflete a inutilidade de tudo.
- c) O poema apresenta uma oposição básica entre o nadador, uno e a água, ambígua.
- d) A água, no poema, simboliza a condição humana: instável, alternando momentos grandiosos e mesquinhos.

04. Há, no texto, a exploração da polissemia. **Identifique** em qual vocábulo isso acontece e quais são seus sentidos no poema.

Texto para as questões 05 e 06

O menino que escrevia versos

- *Ele escreve versos!*

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

- *Há antecedentes na família?*

- *Desculpe, doutor?*

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava-a bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias.

- Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

- *São meus versos, sim.*

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-esfrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

- *O médico que faça revisão geral.*

Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitasse o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

- *Dói-te alguma coisa?*

- *Dói-me a vida, doutor.*

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: *Está a ver, doutor?* O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

- *E o que fazes quando te assaltam essas dores?*

- *O que melhor sei fazer, excelência.*

- *E o que é?*

- *Sonhar.*

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há. Só no antigamente Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

- *Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.*

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

- *Não continuas a escrever?*

- *Isso que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida – disse, apontando um novo caderninho – quase a meio.*

O médico chamou a mãe à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

- *Não temos dinheiro – fungou a mãe entre soluços.*

- *Não importa – respondeu o doutor.*

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios.

- *Não pare, meu filho. Continue lendo...*

05. Sublinhe 03 (três) palavras ou expressões, no texto, que estejam no sentido *conotativo*.

06. Compare o texto de Mia Couto com o de Drummond, na abertura desse capítulo, e responda:

a) O que esses textos apresentam de similar?

b) Pela leitura desses textos, como podemos definir “Literatura”?

1.3 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem ou de estilo são empregadas para valorizar o texto, tornando a linguagem mais expressiva. É um recurso linguístico para expressar de formas diferentes experiências comuns, conferindo originalidade, emotividade ou poeticidade ao discurso. São várias as figuras de linguagem, conheceremos algumas delas, bastante utilizadas no discurso literário.

1.3.1 Comparação e metáfora

Algumas vezes, estabelecemos similaridades entre dois elementos de natureza distinta, pois percebemos ou queremos criar uma identificação entre esses elementos. É nesse sentido que operam a *comparação* e a *metáfora*.

Observe:

*Quero ficar no teu corpo
to tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem
(Chico Buarque)*

*Meu coração tombou na vida
tal qual uma estrela ferida
pela flecha de um caçador.
(Cecília Meireles)*

Os textos acima usam da **COMPARAÇÃO** para causar um efeito poético no que expressam. No primeiro, por exemplo, para demonstrar a força e intensidade do desejo de ficar junto, escolheu-se a tatuagem como representação, por seu caráter de permanência e durabilidade.

Assim, definimos a **COMPARAÇÃO** como a **aproximação entre dois elementos**

que se identificam, ligados por conectivos comparativos explícitos – feito, assim como, tal, como, tal qual, tal como, qual, que nem – e alguns verbos – parecer, assemelhar-se e outros.

Já na METÁFORA, substitui-se um termo por outro, tendo em vista uma relação de semelhança entre eles. A metáfora é uma comparação abreviada, em que o conectivo comparativo não está expresso.

*Encostei-me a ti, sabendo que eras somente onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha vida em ti.
Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino, frágil,
Fiquei sem poder chorar quando caí.*

(Cecília Meireles)

Nesse poema, para falar da inconstância e instabilidade de uma relação, o eu lírico usa as imagens da *onda* e da *nuvem*, que são elementos sem forma estável, que rapidamente se desfazem, dando a ideia de algo passageiro, breve, transitório.

1.3.2 Metonímia

Metonímia é a substituição de uma palavra por outra, devido a uma ligação objetiva de sentido entre elas. Diferente da metáfora, não é por semelhança que usamos a metonímia, mas por ela proporcionar um reconhecimento imediato daquilo a que se refere. As relações metonímicas podem ser:

- da marca pelo produto: “*Hoje, no café da manhã, tomei dois copos de Nescau.*” (=achocolatado em pó)
- da causa pelo efeito e vice-versa: “*Sou alérgico à cigarro.*” (= à fumaça)
- do continente pelo conteúdo e vice-versa: “*Antes de sair, tomamos um cálice de licor.*”
- do autor pela obra: “*Comprei um Portinari.*” (=quadro)
- da parte pelo todo e vice-versa: “*A cidade inteira viu assombrada, de queixo caído, o pistoleiro sumir de ladrão, fugindo nos cascos de seu cavalo.*”

1.3.3 Hipérbole

A hipérbole consiste no exagero de uma ideia, a fim de proporcionar uma imagem emocionante e de impacto.

*Eu nunca mais vou respirar
Se você não me notar
Eu posso até morrer de fome
Se você não me amar*

(Cazuza)

1.3.4 Eufemismo

Consiste no emprego de expressões polidas e suaves que abrandam palavras desagradáveis ou grosseiras. Veja como Manuel Bandeira designa a morte na estrofe abaixo:

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável)

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

- Alô, iniludível!

1.4 FIGURAS DE SOM

Dentre as figuras de linguagem, há as chamadas **figuras de som ou harmonia**, que recebem este nome por trabalham a sonoridade no texto. Veremos três delas.

1.4.1 Aliteração: repetição de consoantes ou sons consonantais.

***Chove chuva choverando**
que a cidade de meu bem
está-se toda se lavando
(Oswald de Andrade)*

***Toda gente homenageia**
Januária na janela
Até o mar faz maré cheia
Pra chegar mais perto dela
(Chico Buarque)*

1.4.2 Assonância: repetição de som vocálico.

*Minha foz do Iguazu
Pólo sul, meu azul
Luz do sentimento nu
(Djavan)*

1.4.3 Onomatopeia: palavras que representam sons e/ou ruídos.

*Troc...troc...troc....troc...
ligeirinhos, ligeirinhos,
troc....troc...troc....troc....
vão cantando os tamanquinhos.
(Cecília Meireles)*

ATIVIDADES

01. Faça a correspondência: (figuras de palavra e de harmonia)

- (01) Comparação
- (02) Metáfora
- (03) Metonímia
- (04) Aliteração
- (05) Assonância
- (06) Onomatopeia
- (07) Eufemismo
- (08) Hipérbole

- () Expressão que suaviza uma verdade considerada penosa ou desagradável.
- () Imitação de ruído ou som.
- () Comparação abreviada, subjetiva.
- () Repetição de vogais idênticas.
- () Substituição de uma palavra por outra, por haver entre ambas alguma relação objetiva.

- () Repetição de sons consonantais.
- () Aproximação entre dois termos semelhantes ligados por conectivos.
- () Exagero de uma ideia.

02. **Identifique**, nos textos a seguir, as figuras de linguagem presentes:

a) Olha a bolha d'água _____
 no galho
 Olha o orvalho!
 (Cecília Meireles)

b) É fria, fluente, frouxa claridade
 Flutua como as brumas de um letargo... _____
 (Cruz e Souza)

c) Devolva o Neruda que você me tomou _____
 e nunca leu
 (Chico Buarque)

d) E de te amar assim muito e amiúde, _____
 É que um dia em teu corpo de repente
 Hei de morrer de amar mais do que pude.
 (Vinícius de Moraes)

e) _____



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 6421

f) O samba é o pai do prazer _____
 O samba é filho da dor
 (Caetano Veloso)

g) _____

Mulher de 30 anos

por Cibele Santos

USANDO A LINGUAGEM DELE...

WWW.CIBELESANTOS.COM.BR



2 GÊNEROS LITERÁRIOS

Vimos que a literatura se configura por apresentar um trabalho diferenciado com a linguagem, deslocando os sentidos das palavras, atribuindo-lhes significados inusitados, inovadores, proporcionando nossas possibilidades no uso da língua e da linguagem. Essas formas de uso da linguagem se materializa em textos, daí falarmos em **gêneros textuais literários**.

2.1 O poema

Uma distinção simples que devemos conhecer é quanto à forma do texto, que pode ser em prosa ou em verso.

Verso é uma sucessão de sílabas ou fonemas que formam uma unidade rítmica e melódica correspondendo, em geral, a uma linha do poema. O verso pode ou não ter uma extensão definida, ocupando de forma livre a página. Um agrupamento de versos forma uma **estrofe**. O texto que apresenta essa característica de composição denomina-se **POEMA**.

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se
esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso

café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

(Carlos Drummond de Andrade)

Uma característica comum aos poemas é a intensa subjetividade e emotividade que ele apresenta, através de uma voz individual, a que chamamos eu lírico. Veja como no poema de Drummond, embora se fale de diversos seres – o mãe, o pai, o bebê, a empregada- todos são filtrados pela lembrança e memória do eu lírico.

Embora essa seja a forma mais tradicional do poema, não podemos deixar de levar em conta que outras formas de construção poética são possíveis, como os poemas visuais, que trabalham no campo da imagem ou os poemas cinéticos, entre outras tantas formas inventivas que a literatura oferece. Veja alguns exemplos abaixo:

2.2 A narrativa

A narrativa é um tipo textual que se caracteriza pela *ação*, geralmente situada em um tempo e espaço. Nela, há uma série de fatos que desencadeiam a movimentação das personagens, criando situações diversas até chegar ao desfecho.

Há várias maneiras de se contar uma história, essa escolha designa o *gênero literário* a que o texto pertence. São gêneros literários narrativos:

- **Conto:** o conto caracteriza-se por conter uma história curta, condensada em uma só ação, com unidade de tempo e espaço.
- **Fábula/Apólogo:** são narrativas breves, de caráter alegórico e ensinamento moral. O que diferencia a fábula do apólogo é que, neste, as personagens são seres inanimados, enquanto naquela são animais.
- **Romance:** o romance é uma narrativa longa, com enredo denso, geralmente apresentando uma história nuclear – centrada nas personagens principais -, e outras pequenas tramas e personagens secundários. O romance pode apresentar diversidade de espaços e ampla caracterização do tempo.

Para entendermos melhor os aspectos que caracterizam a narrativa, passaremos a estudar cada um de seus elementos.

2.2.1 Elementos da narrativa

Construímos uma narrativa a partir do enredo, que é a forma como a trama da história se desenvolve. Essa história chegará até nós pela voz do narrador e dela participarão as personagens, que estarão localizados em um determinado tempo e espaço. No entanto, a forma como são dispostos e elaborados esses elementos são diversas, o que nos leva a algumas categorias, que passarão a ser estudadas.

2.2.1.1 Narrador

O narrador é aquele que conta a história. Devemos ter em mente que o narrador também é uma criação ficcional, portanto narrador e autor não são sinônimos. Dependendo da posição que o narrador assume frente à história, dizemos que ele é em 1ª ou 3ª pessoa.

- **Foco narrativa na 1ª pessoa:** quando o narrador participa da história, sendo um personagem dela, dizemos que é um *narrador personagem* ou *narrador em 1ª pessoa*, como no trecho a seguir, de *Dom Casmurro*:

E Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esqueceste que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse.

(Dom Casmurro, Machado de Assis)

- **Foco narrativa na 3ª pessoa:** ocorre quando o narrador não participa da história, contando o que ocorreu a outros. Na terceira pessoa, podemos ter:
 - **Narrador observador:** esse tipo de narrador, limita-se a relatar os fatos percebidos pela exterioridade da personagens, registrando suas ações e falas.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente, uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmas. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos.

(O cortiço, Aluísio de Azevedo)

- **Narrador onisciente:** onisciência significa conhecimento pleno de todas as coisas. Assim, esse tipo de narrador, vai além das aparências, trazendo ao leitor os pensamentos, sentimentos e sensações das personagens.

Noel sente que agora em todo seu ser só existe lugar para um desejo – um desejo sem nome ainda, mas delicioso, envolvente, inquietantemente misterioso.

(Caminhos Cruzados, Erico Veríssimo)

2.2.1.2 Personagem

Personagem é quem vive a ação narrada na história. Elemento de extrema importância na narrativa, a personagem é um ser dotado de características físicas, psicológicas, sociais, culturais, as quais contribuirão para traçar seu perfil. De acordo com sua atuação no enredo, pode ser:

- **Personagem principal:** personagem que vive as ações ou principais ações da trama. Seu papel é o mais relevante na história.
- **Personagem secundária:** apresenta participação menor na história, com poucas ações em torno da personagem principal.

2.2.1.3 Tempo

O tempo é o “quando” da narrativa. Tanto pode ser cronológico quanto psicológico.

- **Tempo cronológico:** ocorre quando a narrativa traz um tempo mensurável, seja por horas, dias, meses, anos, etc. Nesse sentido, o leitor é capaz e perceber o tempo de duração dos acontecimentos narrados.

*Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o **resto do dia** de namoro cerrado; **ao anoitecer** passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e **no dia seguinte** estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-los de muito.*

(**Memórias de um sargento de milícias**, Manuel Antônio de Almeida)

- **Tempo psicológico:** O tempo psicológico, que não é mensurável, flui na mente das personagens. Nesse caso, transmite-se a sensação experimentada durante o tempo em que o fato ocorreu: a personagem pode ter passado por situações que pareceram extremamente longas, mas que, na realidade, duraram apenas alguns minutos.

Houve um momento grande, parado, sem nada dentro. Dilatou os olhos, esperou. Nada ve io. Branco. Mas de repente num estremecimento deram corda no dia e tudo recomeçou a funcionar.

(**Perto do coração selvagem**, Clarice Lespector)

2.2.1.4 Espaço

O espaço é o local onde se passam as ações. Pode ser múltiplo, ou seja, a narrativa pode usar vários espaços na mesma história, ou poder ser limitado, como uma casa, um bar, uma escola, etc.

Em alguns casos, o espaço se torna elemento fundamental da narrativa, influenciando e interferindo no enredo. Em outros, ele não tem relevância na trama, servindo como mero localizador.

2.2.1.5 Enredo

O enredo corresponde à maneira como a história se desenrola, a forma como a trama vai se desenvolvendo. O enredo da narração pode ser assim estruturado: **exposição** -apresentação das personagens e/ou do cenário e/ou da época; **desenvolvimento**, que compreende o desenrolar dos fatos, apresentando complicações e clímax (clímax é o momento “auge” da narrativa, aquele de maior tensão, que coloca em perspectiva uma mudança, ruptura, surpresa, etc.) e **desfecho**, que pode ser a solução do conflito, o desenlace dos fatos.

É importante ressaltar que, como dito, a Literatura é arte e, como tal, inova constantemente em suas produções. Assim, a estrutura narrativa acima apresentada, não corresponde a uma organização fixa, de estrutura fechada. Nesse sentido, podemos

encontrar histórias que iniciam no clímax, por exemplo, ou outras que terminam nele e deixam a história em aberto. Outras iniciam no desfecho e irá mostrar o que levou até aquela situação em retrospecto. Cabe a nós, leitores, analisarmos cada texto e percebermos os meandros de sua construção.

2.2.2 Os tipos de discurso na narrativa

Embora seja o narrador quem conte a história, a voz das personagens também chegam até nós, leitores. É a essa “fala” da personagem que chamamos “discurso”. Dependendo da forma como o narrador expõe a voz da personagem, teremos os tipos de discurso:

Discurso direto: o discurso direto é a tradução fiel da fala da personagem. Através desse tipo de discurso, presentificamos a personagem, além de criar um caráter mais dinâmica na narrativa. No discurso direto, indica-se o interlocutor, cuja fala é marcada por pontuação específica, geralmente o travessão (-) ou as aspas (“ “). Também costuma-se usar os verbos de elocução: dizer, falar, responder, replicar, etc.

O texto abaixo, de Luis Fernando Veríssimo, é praticamente todo construído em discurso direto:

Pai não entende nada

- Um biquíni novo?
 - É, pai.
 - Você comprou um no ano passado!
 - Não serve mais, pai. Eu cresci.
 - Como não serve? No ano passado você tinha 14 anos, este ano tem 15. Não cresceu tanto assim.
 - Não serve, pai.
 - Está bem, está bem. Toma o dinheiro. Compra um biquíni maior.
 - Maior não, pai. Menor.
- Aquele pai, também, não entendia nada.

(Luis Fernando Veríssimo)

- **Discurso indireto:** no discurso indireto, ao invés de a personagem “falar”, é o narrador quem reproduz aquilo que foi dito pela personagem. Assim, os verbos aparecerão em 3ª pessoa, sendo imprescindível a presença dos verbos de elocução, seguidos dos conectivos *que* ou *se* para introduzirem a fala da personagem na voz do narrador.

O juiz resolveu anular o casamento por causa do episódio, revoltado com o cinismo de nosso nefando parente. O magistrado quis saber *se* ele vira a sogra levar uma surra do padeiro e não ajudara. Mirinho **respondeu que** não à excelência. O juiz estranhou e **perguntou** por que não ajudara. Ele **respondeu que** era porque não ficava bem dois homens batendo numa velha só.

- **Discurso indireto livre:** nesse tipo de discurso, a voz do personagem e do narrador se encontram. Não há verbos de elocução, nem pontuação específica para marcar o

discurso. Funciona como uma espécie de monólogo interior, traduzindo pensamentos e/ou reflexões da personagem.

Deu um passo na catingueira. Se ele gritasse ‘desafasta’, que faria a polícia? Não se afastaria, ficaria colado ao pé de pau. Uma lazeira, a gente podia xingar a mãe dele. Mas então... Fabiano estirava o braço e rosnava. Aquela coisa arreada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. Não entendia.

ATIVIDADES

01. (UEM/2015) Assinale o que for **correto** em relação aos elementos da narrativa transcrita:

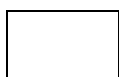
92

Dalton Trevisan

Tarde de verão, é levado ao jardim na cadeira de braços – sobre a palhinha dura a capa de plástico e, apesar do calor, manta xadrez no joelho. Cabeça caída no peito, um fio de baba no queixo. Sozinho, regala-se com o trino da corruíra, um cacho dourado de giesta e, ao arrepio da brisa, as folhinhas do chorão faiscando – verde, verde! primeira vez depois do insulto cerebral aquela ânsia de viver. De novo um homem, não barata leprosa com caspa na sobancelha – e, a sombra das folhas na cabecinha trêmula adormece. Gritos: *Recolha a roupa. Maria, feche a janela. Prendeu o Nero?* Rebenta com fúria o temporal. Aos trancos João ergue o rosto, a chuva escorre na boca torta. Revira em agonia o olho vermelho – é uma coisa, que a família esquece na confusão de recolher a roupa e fechar as janelas?

(In: *Ah, é?*. 2.ed. Rio de Janeiro:Record, 1994, p. 67).

- 01) A voz narrativa é de primeira pessoa. Trata-se de um narrador-protagonista, a personagem João, que relata o momento em que sofre um “insulto cerebral” – acidente vascular cerebral – acontecimento que o impede de retornar ao interior da casa.
- 02) As indicações temporais cumprem importantes funções na estrutura narrativa, especialmente a de imprimir verossimilhança e movimento ao relato. O conto em foco, embora sua natureza seja predominantemente psicológica e os fatos estejam intimamente ligados ao estado de espírito do personagem, apresenta marcas cronológicas da passagem do tempo, como se observa no trecho: “Primeira vez depois do insulto cerebral aquela ânsia de viver”.
- 04) Embora não existam diálogos na narrativa, o narrador, ao empregar o discurso indireto livre, permite que a voz do personagem aflore no texto. Espécie mista de discurso – indireto e direto – o indireto livre concilia de tal forma as falas do narrador e de João que elas se confundem na enunciação, como se observa no excerto: “... é uma coisa, que a família esquece na confusão de recolher a roupa e fechar as janelas?”.
- 08) O texto, curto e condensado, dificulta o reconhecimento de elementos que o configurem plenamente como gênero narrativo. Trata-se, predominantemente, de uma manifestação do “eu lírico”, apenas um pretexto para a expressão do estado de abandono e desalento do “eu poético”, como se pode observar no trecho: “Cabeça caída no peito, um fio de baba no queixo”.
- 16) Alguns elementos revelam-se importantes na estrutura narrativa por identificarem-se com o estado emocional do personagem. Na situação inicial da narrativa, apesar do desconforto ao ser deixado no jardim (“palhinha dura”, “capa de plástico”, “apesar do calor, manta xadrez sobre os joelhos”), João mostra-se tranquilo e a natureza reflete esse sentimento: “Sozinho, regala-se com o trino da corruíra, um cacho dourado de giesta e, ao arrepio da brisa, as folhinhas do chorão faiscando – verde, verde!”. No final, o espaço, modificado pelo agente transformador da situação de equilíbrio inicial – o temporal –, apresenta íntima conexão com o estado emocional do personagem, que, sentindo-se abandonado, “revira em agonia o olho vermelho...”.



Texto para as questões de 02 a 06

A farsa e os farsantes

É na hora de levantar da mesa que a garota sente a dor. Morde os beiços, solta o grito:

- Papai!

O pai penteia a menor que vai ao colégio. Cabelos revoltos, cabeça mais revolta ainda, é um drama manter aqueles fiapos arrumados em cima do pequenino crânio que ele tanto ama.

- Que foi?

E antes de qualquer resposta, abre os braços para receber a filha que vem caindo, aos pedaços, o rosto vermelho, duas lágrimas súbitas correndo, pelas gordas bochechas:

- Minha perna!

Recebe a filha nos braços, tenta forçá-la a andar, mas o corpo dela cai para o lado, a perna parece endurecida, como se fizesse parte de um outro organismo. Então apela para a força e levanta-a nos braços, já há muito não a segura assim, desde que começara a ficar mocinha. No trajeto da sala para o quarto lembra noites antigas, em que a menina acordava e pedia colo, ele ficava a noite inteira com o pequenino corpo nos braços, andando pelo escuro com sua preciosa carga feita de amor, medo e duas mãozinhas que o agarravam quando tentava deitá-la outra vez na cama.

Agora, o corpo cresceu, pesa em seus braços, mas a fragilidade da menina é a mesma.

A menor fica pelos cantos, a cara amarrada, rosnando. Numa pausa, enquanto procura a pomada para fazer a fricção doméstica, vê a menor tirando o uniforme.

- Quê que é isso? Você não vai ao colégio?

A resposta é negativa. Se a outra não vai, ela também não vai. O pai argumenta com a dor, a pomada cor de iodo que começa a esfregar pelos joelhos da outra, mas a menor é sábia e vil quando insinua:

- Isso é embromação, papai! Ela não tem nada!

A vontade primeira é esfregar pomada no nariz dela. Nunca a mais velha fingiria a esse ponto. Espinafra a menor, cita exemplos antigos e convincentes, apanha a merendeira e a pasta, empurra-a pelo elevador, e quase se esquece de recomendar à empregada para desculpar a falta da outra.

E a outra faz o seu papel de dor e impotência. As lágrimas secam, mas a perna ainda dói - e ele descobre um vermelhão perto dos joelhos e teme. Olha uma velha imagem de Santa Luzia que a mãe lhe havia dado, pensa mecanicamente em rezar, pedir proteção para aquele joelho, mas assim também não, é covardia demais, e prefere telefonar para o médico.

Quando acaba de disar, e antes de o médico atender, a filha já se levantara e correrá ao telefone para cortar a ligação.

- Não precisa não, papai, eu já estou boa!

- O quê!

E novo pranto, desta vez mais sincero: aos soluços, a verdade é dita:

- Eu não sabia nada para a prova, papai!

Alisa os cabelos da filha, feliz já, de não ser nada. E a certeza de que a filha não tivera nada lhe dá súbita e incontrolada ternura. Beija-a avidamente, reencontrado em sua rotina e sossego.

- E agora?

Agora, é tratar de passar a tarde juntos, como há muito tempo não passavam. Desencavam velhas revistas, deitam-se na cama e ficam vendo figuras, depois jogam uma partida de batalha naval, A6, F7, D8 - água.

Acerta uma parte do cruzador. Água. Ela ganha por dois submarinos e um pedaço de avião.

- Vamos fazer banana frita?

Enxotam as duas empregadas da cozinha e fazem, eles mesmos, a banana frita, e comem com avidez e grandes goles de guaraná. Até que, de repente, quando maior é a comilança, ouvem o barulho do elevador que pára no andar.

- É ela!

Pelo jeito furioso de bater a campainha, é mesmo a menor que volta do colégio. Então, pai e filha olham-se nos olhos e correm para o quarto. Quando a outra chega, encontra a irmã gemendo sobre a cama, e o pai, apreensivo e corrupto, abaixando o termômetro com grandes solavancos, para ver se a febre já tinha passado.

Carlos Heitor Cony

02. (UFJF-PISM) Com base na leitura do texto, **É POSSÍVEL** concluir que:

- a) o pai e a filha tramaram, desde o início, uma situação falsa.
- b) a irmã mais nova gosta de implicar com o pai.
- c) o pai percebe, imediatamente, a atitude das filhas.
- d) a filha mais velha engana apenas o pai no início da história.

03. (UFJF-PISM) O texto narra como pai e filha se envolvem numa farsa. Qual é a **principal atitude** que caracteriza o comportamento **dos dois** nessa farsa?

- a) Esperteza
- b) Revolta
- c) Cumplicidade
- d) Agressividade

04. (UFJF-PISM) O conflito que **desencadeia** a história, nesta crônica, é:

- a) a rebeldia da irmã mais nova, em resposta à atitude do pai.
- b) o momento em que o pai repreende a atitude da mais nova.
- c) a descoberta de que a filha mentira para não ir à escola.
- d) a hora em que a filha mais nova chega em casa.

05. (UFJF-PISM) Qual é o provérbio que **melhor** resume o texto lido?

- a) Quem foi rei, nunca perde a majestade.
- b) As aparências enganam.
- c) Quem espera sempre alcança.
- d) Pimenta no olho do outro é refresco.

06. (UFJF-PISM) A reação do pai ao descobrir a mentira da filha pode ser **justificada** pelo fato de:

- a) ele ter feito a mesma coisa quando era menor.
- b) a mentira não ser muito grande.
- c) ele sentir-se culpado por não dar atenção à menina.
- d) ele ter ficado aliviado por a menina não estar doente.

Texto para as questões de 07 a 12

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

- Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

- Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

- Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

ASSIS, Machado de. *Um apólogo. De conto em conto*. São Paulo: Ática, 2003, p. 69-72.

07. (CEFET/MG-2009) **NÃO** se pode afirmar que o narrador do texto

- a) focaliza elementos do cotidiano relacionados à elite brasileira.
- b) mostra-se cético em relação ao jogo de aparências mundanas.
- c) propõe, sutilmente, a crença em novas formas de harmonia em sociedade.
- d) apresenta as personagens compondo distintos lugares na estrutura social.

08. (CEFET/MG-2009) Sobre o gênero do texto “Um apólogo”, pode-se **afirmar** que

- a) privilegia a organização dissertativa na construção do enredo intrincado.
- b) representa o gênero poético de fundo religioso com argumentos moralistas.
- c) se aproxima à estrutura de um conto pelo aparecimento do tempo psicológico.
- d) se assemelha à fábula pela utilização de elementos figurativos para realizar uma crítica.

09. (CEFET/MG-2009) **NÃO** se pode depreender do texto que a(os)

- a) agulha e a linha simbolizam a dificuldade humana de se partilhar uma vida.
- b) caixinha da costureira revela-se lugar obscuro em oposição ao luxo a ser exibido no baile.
- c) ministros, os diplomatas e o professor de melancolia são personagens imprescindíveis ao núcleo da trama.
- d) alegoria da narrativa representada pelo vestido da baronesa constrói-se à medida que a costureira trabalha.

10. (CEFET/MG-2009)

- I- “Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.”
- II- “Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!”

Com base na relação entre os trechos, pode-se concluir que o objetivo do narrador é

- a) levar o leitor a evitar os interesses mesquinhos do jogo social.
- b) revelar uma mordaz ironia quanto à falsa cordialidade das relações humanas.
- c) demonstrar que a agressividade da agulha deveu-se à atitude fútil e errônea da linha.
- d) evidenciar a necessidade de cada um defender seus interesses no mundo competitivo.

11. (CEFET/MG-2009) Referindo-se ao conto de Machado de Assis, afirma-se:

- I- O texto apresenta narrador em terceira pessoa.
- II- Os fatos são narrados em ordem cronológica.
- III- As protagonistas representam a luta do bem contra o mal.
- IV- Há mescla entre discurso direto e discurso indireto.

Estão **corretas** apenas as afirmativas

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I, II e IV.
- d) I, III e IV.

12. (CEFET/MG-2009)

“– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...”

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?”

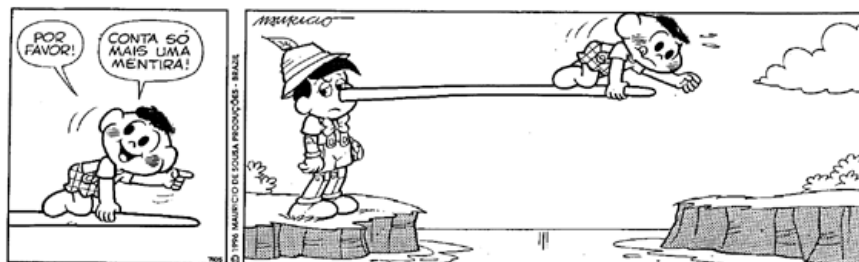
Sobre o trecho, pode-se **afirmar**, corretamente, que a linha

- a) compara a agulha a uma personagem da realeza.
- b) exalta o valor da agulha ao relacioná-la a batedores.
- c) evidencia a abertura de caminhos para a passagem da adversária.
- d) critica a agulha por esta se considerar importante como um imperado

3 INTERTEXTUALIDADE

Ao criar uma obra, o artista pode estabelecer diálogo com outras obras já existentes. Quando o texto apresenta uma relação com um texto anterior, dizemos que ocorre a INTERTEXTUALIDADE.

Analisemos o quadrinho abaixo, de Maurício de Sousa:



Copyright ©1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7105

No segundo quadro, aparece uma personagem bastante conhecida dos contos de infantis: Pinóquio. Todos sabem que, se Pinóquio mentisse, o nariz dele crescia; assim, o autor da tirinha faz uma brincadeira com essa clássica personagem da literatura infantil, explorando uma de suas mais marcantes características na construção do quadrinho. Assim, podemos afirmar que o texto de Maurício de Sousa estabelece uma relação intertextual com a história de Pinóquio.

O uso da intertextualidade tanto pode preservar a ideia do texto original, criando uma PARÁFRASE, quanto pode modificá-lo, a fim de estabelecer uma crítica, uma sátira ou efeito irônico, o que é o caso da PARÓDIA.

O poema que iremos ler (Texto I) é do escritor brasileiro Gonçalves Dias e foi escrito em 1843, quando o poeta encontrava-se em Coimbra, Portugal. O exílio de que fala o poeta

é justamente por se encontrar fora de sua terra natal, o que o faz estabelecer a comparação entre os dois países: lá – Brasil; cá – Portugal. O eu lírico expressa saudosismo e desejo intenso de retornar a seu país, onde tudo é melhor. Assim, “Canção do exílio” é uma celebração, um hino de louvor à pátria.

Na sequência do poema de Gonçalves Dias, leremos dois textos que dialogam com a “Canção do exílio”; um, trabalhando no campo da paráfrase (Texto II) e, outro, da paródia (Texto III).

Texto I

CANÇÃO DO EXÍLIO

*Kennst du das Land, wo die Zitronen blühen,
Im dunklen Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht ich... ziehn.¹*
Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

¹Conheces o país onde florescem as laranjeiras? / Ardem na escura fronde os frutos de ouro... / Conhecê-lo? Para lá, para lá quisera eu ir!

Texto II

CANÇÃO DO EXÍLIO

Casimiro de Abreu

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh que céu, que terra aquela,
Rica e bela
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas,
Não exalas
Não exalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
Daqueles campos natais!
Daquele céu de safira
Que se mira,
Que se mira nos cristais!

Não amo a terra do exílio,
Sou bom filho,
Quero a pátria, o meu país,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,

E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho;
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim!
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
– Desterrado –
A vida não é feliz.
Nessa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu país!

Lisboa - 1855

Texto III

JOGOS FLORAIS

Cacaso

I

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.

II

Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética
Belém capital Pará.

Bem, meus prezados senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com 2 esses
que se escreve paçarinho?)

Na “Canção do exílio”, de Casimiro de Abreu, o eu lírico se encontra distante de seu país de origem e demonstra saudades e quer voltar a sua terra natal, onde estão seus amores e as coisas que ele aprecia e admira. Além dessa similaridade entre os sentimentos expressos pelas vozes poéticas, o texto de Casimiro de Abreu retoma os elementos do

poema de Gonçalves Dias, como as palmeiras, o sabiá, o céu, além do próprio título. Assim, é nítida a retomada que Casimiro de Abreu faz da “Canção do exílio” e, como ambos os textos celebram os encantos do Brasil, dizemos que ocorre uma PARÁFRASE.

O mesmo não acontece em “Jogos Florais”, de Cacaso. Esse poema foi escrito nos anos da ditadura militar no Brasil e, nesse sentido, o poeta fará uma crítica ao país. O fato de serem retomados elementos da “Canção do Exílio”, enfatiza ainda mais esse aspecto crítico, pois retira a áurea de “país perfeita”, lugar de prazeres e amores, tal como postulado no poema de Gonçalves Dias.

Inicialmente, o primeiro verso de “Jogos Floras” é idêntico ao de Gonçalves Dias, mas, logo na sequência, ao invés do sabiá, aparece a figura do tico-tico, pássaro muito comum no Brasil, o que nos faz associá-lo à imagem do povo. Já o sabiá é o opressor, aquele que “rouba” o fubá, o que remete à opressão dos militares. Na segunda estrofe, percebe-se uma remissão ao “milagre econômico”, termo muito propagado pelo governo da época. No entanto - e aí estamos em uma outra intertextualidade com o texto bíblico -, nesse milagre não há vinho, bebida representativa de festa, de celebração, mas vinagre, bebida ácida, associada a sofrimento.

Na segunda parte do poema, a terra tem “palmares”, lembrando Zumbi dos palmares, símbolo de luta e resistência contra a escravidão. Mas esse símbolo deve ser silenciado “memória cala-te já”, pois as ideias de liberdade eram contrárias às ideias da ditadura. E o final do texto fecha em uma ironia magistral, certamente fazendo referência ao ministro da educação da época, Jarbas Passarinho, “(será mesmo com esses dois esses / que se escreve pacarinho?)”. Assim, por inverter o sentido do texto de Gonçalves Dias, concluímos que o poema de Cacaso estabelece com ele uma PARÓDIA.

3.1 Formas de intertextualidade

Além da paródia e da paráfrase, que aparece no conteúdo do texto, dependendo da maneira como são retomados os elementos de um texto, falamos em **formas de intertextualidade**, as quais passaremos a conhecer.

3.1.1 Citação

A citação é a transcrição literal de um texto, geralmente marcada por aspas e com indicação da fonte, como nesse trecho do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis:

Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava à casa, e convidava a Sandice a sair, clamando, e com melhor jus, as palavras de Tartufo:

La maison est à moi, c'est à vous d'en sortir.
(A casa é minha, vós é que deveis sair dela)

3.1.2 Alusão

Ocorre alusão, quando se faz uma referência a uma obra, sem indicar-lhe a fonte. O poema “Infância”, de Drummond (no item 2.1) é um exemplo dessa forma de intertextualidade. Na última estrofe “e eu não sabia que minha história/ era mais bonita que a de **Robison Crusoé**”, ocorre alusão a Robison Crusoé, protagonista do romance de mesmo nome, que conta a história de um náufrago que ficou 28 anos em uma ilha deserta.

3.1.3 Epígrafe

Epígrafe é um texto que colocamos na abertura de um texto: capítulo, livro, conto, poema, etc. A “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, traz uma epígrafe, que consiste em versos do poema alemão Goethe.

4 METALINGUAGEM

Um outro recurso, bastante utilizado na Literatura, é a METALINGUAGEM, que é a propriedade que a língua tem de voltar-se para si mesma. Isso ocorre, por exemplo, quando um narrador fala da forma como elabora a história ou quando um poema reflete sobre o próprio fazer poético, como nos exemplos abaixo:

Exemplo I:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o eu nascimento ou a minha morte.

Exemplo II:

Que é a poesia?
uma ilha
cercada
de palavras
por todos os lados

Que é o poeta? um homem

Poética

que trabalha o poema
com o suor dos eu rosto
um homem
que tem fome
como qualquer outro
homem

Cassiano Ricardo

ATIVIDADES

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

O tempo em que o mundo tinha a nossa idade

⁵Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. ¹As histórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apagava a boca antes do desfecho. ⁹Éramos nós que recolhíamos seu corpo

dorminhoso. ⁶Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita. ¹⁰Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. Leito dele era o puro chão, lugar onde a chuva também gosta de deitar. Nós simplesmente lhe encostávamos na parede da casa. Ali ficava até de manhã. Lhe encontrávamos coberto de formigas. Parece que os insectos gostavam do suor docicado do velho Taímo. ⁷Ele nem sentia o corrúpio do formigueiro em sua pele.

– Chiças: transpiro mais que palmeira!

Proferia tontices enquanto ia acordando. ⁸Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos. Taímo nos sacudia a nós, incomodado por lhe dedicarmos cuidados.

²Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

– Venham: papá teve um sonho!

³E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estorinhador como ele era.

– Nem duvidem, avisava mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa criancice, tempos afora. ⁴Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. ¹¹Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. (...)

Mia Couto

Terra sonâmbula. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

01. (UERJ/2014) Ao dizer que o pai *sofia de sonhos* (ref. 2) e não que ele sonhava, o autor altera o significado corrente do ato de sonhar.

Este novo significado sugere que o sonho tem o poder de:

- a) distrair
- b) acalmar
- c) informar
- d) perturbar

02. (UERJ/2014) Este texto é uma narrativa ficcional que se refere à própria ficção, o que caracteriza uma espécie de metalinguagem.

A metalinguagem está melhor explicitada no seguinte trecho:

- a) As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. (ref. 1)
- b) Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos transabertos. (ref. 2)
- c) E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. (ref. 3)
- d) Nesses anos ainda tudo tinha sentido: (ref. 4)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

³*Você sabia que com pouco esforço é possível ajudar o planeta e o seu bolso?*

Ao usarmos a energia elétrica para aparelhos eletrônicos e lâmpadas também emitimos ¹gás carbônico, um dos principais gases do ⁶efeito estufa. Atitudes simples como trocar lâmpadas incandescentes pelas ⁴fluorescentes e puxar da tomada os aparelhos que não estão em uso reduzirão a sua conta de luz e as nossas emissões de ²CO₂ na atmosfera.

⁵Planeta sustentável: conhecimento por um mundo melhor

03.(MACKENZIE/2010) Assinale a alternativa que indica recurso empregado no texto.

- a) Intertextualidade, já que se pode notar apropriação explícita e marcada, por meio de citações, de trechos de outros textos.
- b) Conotação, uma vez que o texto emprega em toda a sua extensão uma linguagem que adota tom pessoal e subjetivo.
- c) Denotação, pois há a utilização objetiva de palavras e expressões que destacam a presença da função referencial.
- d) Metalinguagem, uma vez que a linguagem adotada serve exclusivamente para tratar da própria linguagem.

TEXTO PARA QUESTÃO 04:

04. (UFF/2007)



A charge pode dialogar com outros textos (verbais ou não verbais), criando novos significados, através da intertextualidade.

a) IDENTIFIQUE o texto que circula em nossa cultura e que serve de base à intertextualidade com a charge.

b) NOMEIE dois elementos da linguagem não verbal que sejam exemplos dessa intertextualidade.

c) RETIRE dois elementos da linguagem verbal que também sejam exemplos dessa intertextualidade.

d) IDENTIFIQUE, pelo contexto, a referência para o pronome pessoal "ela".

Bibliografia

- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares do Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*.
- COSTA VAL, Maria das Graças. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DIONISO, Ângela Paiva. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*.
- KOCH, Ingedore G.V. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOCH, Ingedore G.V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, Ingedore G.V. *Ler e compreender os sentido do texto*. São Paulo:Contexto, 2006.
- LESSA, Júnia França. *Manual para normalização de publicações técnico- científica*. 8. ed. rev. e ampl. BeloHorizonte: UFMG, 2009.
- MACHADO, Anna Rachel et alli. *Resumo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MACHADO, Anna Rachel et alli. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MACHADO, Anna Rachel et alli. *Planejar gêneros acadêmicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1993.
- TRAVAGLIA, Luiz C. *Gramática e interação*. São Paulo: Cortez, 2003.